



Reitoria

Reitora: *Isabela Fernandes Andrade*

Vice-Reitora: *Ursula Rosa da Silva*

Chefe de Gabinete: *Aline Ribeiro Paliga*

Pró-Reitora de Ensino: *Maria de Fátima Cósio*

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação: *Flávio Fernando Demarco*

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Eraldo dos Santos Pinheiro*

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: *Paulo Roberto Ferreira Júnior*

Pró-Reitor Administrativo: *Ricardo Hartlebem Peter*

Pró-Reitor de Gestão da Informação e Comunicação: *Julio Carlos Balzano de Mattos*

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Fabiane Tejada da Silveira*

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: *Taís Ullrich Fonseca*

Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: *Ana da Rosa Bandeira*

Representantes das Ciências Agrárias: *Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner* (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: *Eder João Lenardão* (TITULAR), *Daniela Hartwig de Oliveira e Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos*

Representantes da Área das Ciências Biológicas: *Rosângela Ferreira Rodrigues* (TITULAR), *Francieli Moro Stefanello e Marla Piumbini Rocha*

Representantes da Área das Engenharias: *Reginaldo da Nóbrega Tavares* (TITULAR), *Cláudio Martin Pereira de Pereira e Jairo Valões de Alencar Ramalho*

Representantes da Área das Ciências da Saúde: *Fernanda Capella Rugno* (TITULAR), *Jucimara Baldissarelli e Zayanna Christina Lopes Lindoso*

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: *Daniel Lena Marchiori Neto* (TITULAR), *Bruno Rotta Almeida e Marislei da Silveira Ribeiro*

Representantes da Área das Ciências Humanas: *Charles Pereira Pennaforte* (TITULAR), *Silvana Schimanski e William Daldegan de Freitas*

Representantes da Área das Linguagens e Artes: *Chris de Azevedo Ramil* (TITULAR), *Daniel Soares Duarte e Luís Fernando Hering Coelho*

Espaços Públicos de Pelotas

Desenhos e histórias





Filiada à ABEU

Rua Benjamin Constant, 1071 - Porto
Pelotas, RS - Brasil
Fone +55 (53)3284 1684
editora.ufpel@gmail.com

Livro produzido pelo Programa de Apoio às Práticas
Patrimoniais do Curso de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Católica de Pelotas (UCPel).

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação
Elaborada por Leda Lopes CRB: 10/2064

E77 Espaços públicos de Pelotas [recurso eletrônico]: desenhos e histórias /
organizadoras Fernanda Tomiello e Daniele Behling Luckow. –
Pelotas : Ed. UFPel, 2023.
91 p. il.

33 MB, e-book (PDF)
ISBN: 978-85-60696-26-0

1. História de Pelotas (RS). 2. Espaços públicos. 3. Desenhos –
aquarela. I. Tomiello, Fernanda, org. II. Luckow, Daniele Behling, org.

CDD: 981.657

Seção de Pré-Produção

Isabel Cochrane

Administrativo

Suelen Aires Böettge

Administrativo

Seção de Produção

Preparação de originais

Eliana Peter Braz

Administrativo

Catálogoação

Marisa Helena Gonsalves de Moura

Administrativo

Revisão textual

Anelise Heidrich

Assistente de Revisão

Suelen Aires Böettge

Administrativo

Projeto gráfico e diagramação

Fernanda Figueredo Alves

Carolina Abukawa (Bolsista)

Coordenação de projeto

Ana da Rosa Bandeira

Seção de Pós-Produção

Madelon Schimmelpfennig Lopes

Administrativo

Eliana Peter Braz

Administrativo

Projeto Gráfico desta obra

Ana Martha Bonat

Milena Brahm Bielemann

Diagramação desta obra

Ana Martha Bonat

Milena Brahm Bielemann

Carolina Abukawa

Ilustração da Capa

Rafaela Pereira Turchetti



FERNANDA TOMIELLO E DANIELE BEHLING LUCKOW (ORGS.)

Espaços Públicos de Pelotas

Desenhos e histórias

Apresentação

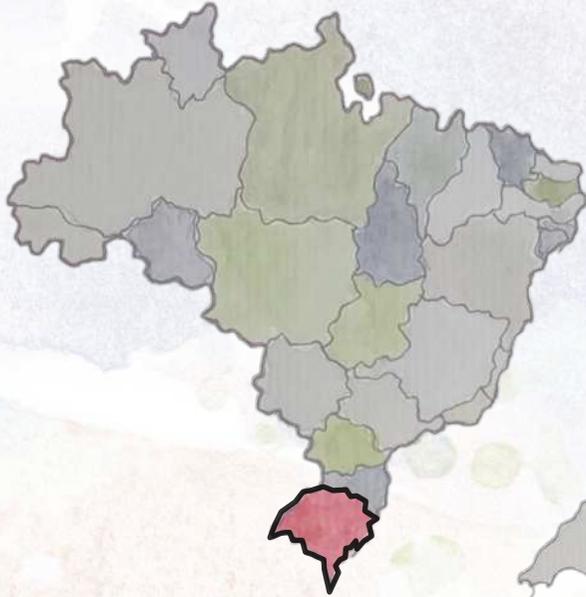
Pelotas é uma cidade conhecida pelo seu patrimônio: os casarões ecléticos, as charqueadas, a tradição doceira, o tambor de sopapo entre outros. Mas não poderíamos sequer olhar para um casarão eclético, por exemplo, se não houvesse o espaço público aberto adjacente a ele. Os espaços públicos conectam, relacionam e dão visibilidade a esse patrimônio e também constituem, eles próprios, um patrimônio da comunidade. Além das funções de circulação e lazer e das questões ecológicas e estéticas, os espaços públicos abertos são também locais de encontro, de socialização e de diversidade, que favorecem as relações sociais e contribuem para que se tenha mais qualidade de vida.

Este livro apresenta alguns desses espaços através de desenhos feitos com a técnica de aquarela e de textos simples e breves, que complementam as imagens com fragmentos da história, características e curiosidades de cada lugar. Os desenhos e textos foram desenvolvidos pelos estudantes de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), sob orientação da professora Fernanda Tomiello. Os desenhos foram elaborados na disciplina de Expressão Gráfica II e os textos em História e Teoria do Urbano. Os espaços foram escolhidos pelos estudantes de forma espontânea, a partir da orientação de retratar diferentes tipos de espaços públicos abertos. Assim, não pretendemos aqui retratar todos os espaços tampouco os mais relevantes, mas sim apresentar uma amostra desses lugares, destacando a diversidade.

Os espaços estão agrupados por tipo: praças, parques, avenidas, largos, calçadões e orlas. Em cada capítulo apresentamos uma definição de cada tipologia indicando quais exemplares dela serão exibidos e a seguir mostramos os lugares através dos desenhos e textos. O conteúdo textual foi revisado e complementado pelas professoras do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UCPel Fernanda Tomiello, Laura Gomes Zambrano, Daniele Behling Luckow e Joseane da Silva Almeida, e pelas doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel, Gisele Dutra Quevedo, Carolina Magalhães Falcão e Vanessa Patzlaff Bosenbecker. O projeto gráfico é de autoria das estudantes (agora, arquitetas e urbanistas) Ana Martha Bonat e Milena Brahm Bieleman e da bolsista diagramadora da editora, Carolina Abukawa. Os demais autores e colaboradores estão indicados ao longo do livro.

Por fim, concebemos este livro como um instrumento de educação para o patrimônio, pensando no público em geral e não apenas na comunidade acadêmica. Acreditamos no potencial da linguagem artística dos desenhos, para despertar a curiosidade e interesse da comunidade; e numa escrita acessível, para incentivar sua leitura e facilitar o entendimento. Também propomos atividades ao longo do livro, associadas aos temas de cada capítulo, buscando torná-lo dinâmico e interativo.

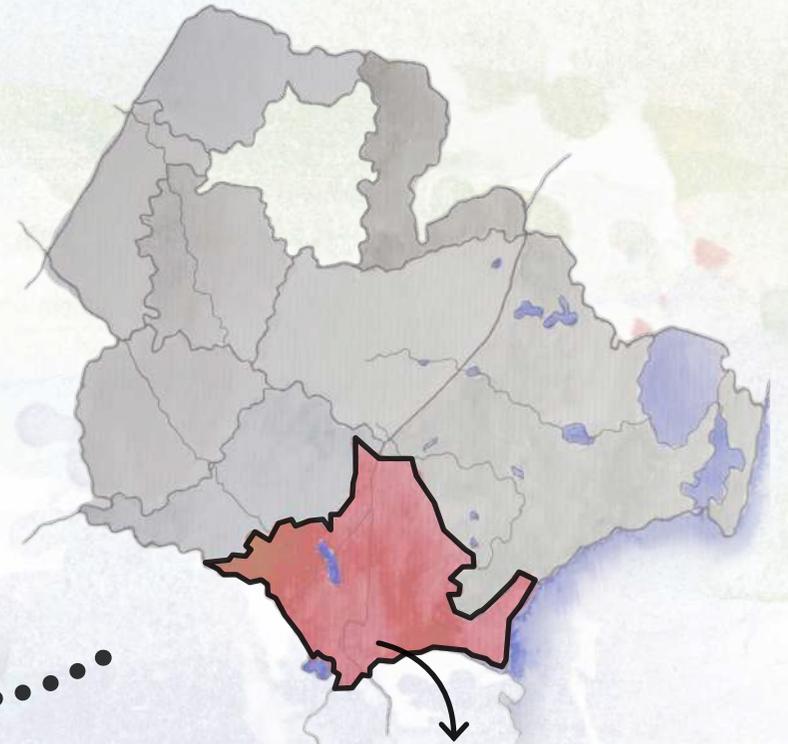
BRASIL



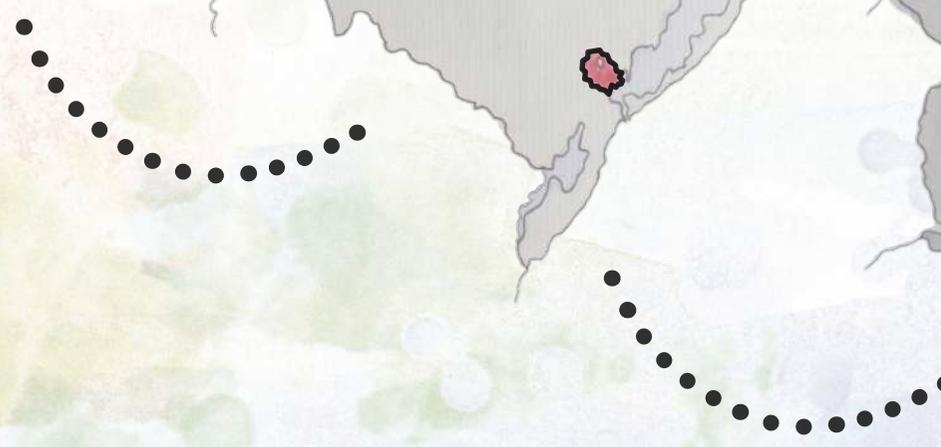
RIO GRANDE DO SUL



MUNICÍPIO DE PELOTAS



ZONA URBANA DE PELOTAS



MAPA DA CIDADE

Pelotas

*Desenhos de Fernanda Tomiello e
Gabriela Falck Strelow*

Pelotas está localizada ao sul do estado do Rio Grande do Sul, no Sul do Brasil. O município possui, além da área urbana, oito distritos rurais, totalizando uma área de 1.609,708km², e população estimada em 343.826 pessoas em 2021¹.

Conhecida como Princesa do Sul, Pelotas teve seu auge econômico no período das Charqueadas e é caracterizada pela relação com as águas, pela arquitetura eclética e pela cultura negra. Hoje, a cidade é considerada um polo regional, com economia centrada na agricultura e comércio, sendo referência também nas áreas da educação, cultura e turismo².



Sumário

1 _ Praças 11

| | |
|---------------------------------------|----|
| Praça Coronel Pedro Osório | 13 |
| Praça Domingos Rodrigues | 17 |
| Praça Josimar Rosado da Silva Tavares | 21 |
| Praça Piratinino de Almeida | 25 |

2 _ Parques 29

| | |
|------------------------------------|----|
| Museu Municipal Parque da Baronesa | 31 |
| Parque Dom Antônio Zattera | 35 |

3 _ Avenidas 39

| | |
|-----------------------------|----|
| Avenida Duque de Caxias | 41 |
| Avenida Dom Joaquim | 45 |
| Avenida Domingos de Almeida | 49 |

4 _ Largos 53

| | |
|-------------------------|----|
| Largo Edmar Fetter | 55 |
| Largo da Estação Férrea | 59 |

5 _ Calçadas 63

| | |
|---------------------------|----|
| Calçada da Andrade Neves | 65 |
| Calçada da XV de Novembro | 69 |

6 _ Orlas 73

| | |
|--|----|
| Orla dos Balneários Santo Antônio e Valverde | 75 |
| Orla do Balneário dos Prazeres | 79 |

| | |
|--|----|
| Espaços públicos: passado, presente e futuro | 83 |
| Referências Bibliográficas | 87 |



Desenho de Milena Brahm Bielemann

1 _

Praças

Desenho de Thaisa Daniela Moraes da Silva

Praças podem ser definidas como áreas públicas urbanas sem construções³, que integram a vida pública a partir da presença e interação sociais. As praças brasileiras também caracterizam lugares de encontro com a natureza, já que assumem caráter voltado ao lazer, às práticas esportivas e à contemplação⁴.

O livro Espaços Públicos de Pelotas apresenta desenhos e histórias de quatro praças que exemplificam essa tipologia na cidade, trazendo desde praças antigas e tradicionais, reconhecidas como patrimônio histórico, até praças mais novas e simples, mas não menos importantes para a comunidade. São elas: Praça Coronel Pedro Osório, Praça Domingos Rodrigues, Praça Josimar Rosado da Silva Tavares e Praça Piratinino de Almeida.

PRAÇA JOSIMAR
ROSADO DA SILVA
TAVARES

PRAÇA PIRATININO
DE ALMEIDA

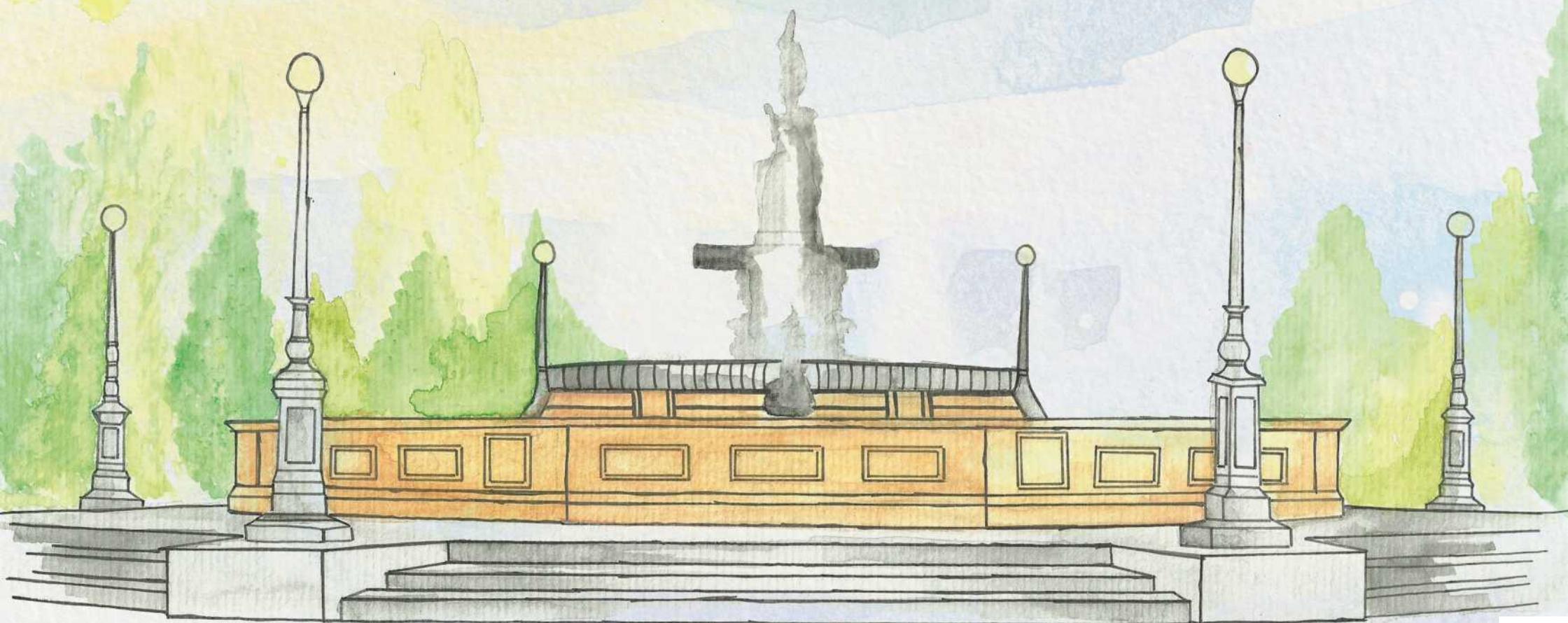
PRAÇA CORONEL
PEDRO OSÓRIO

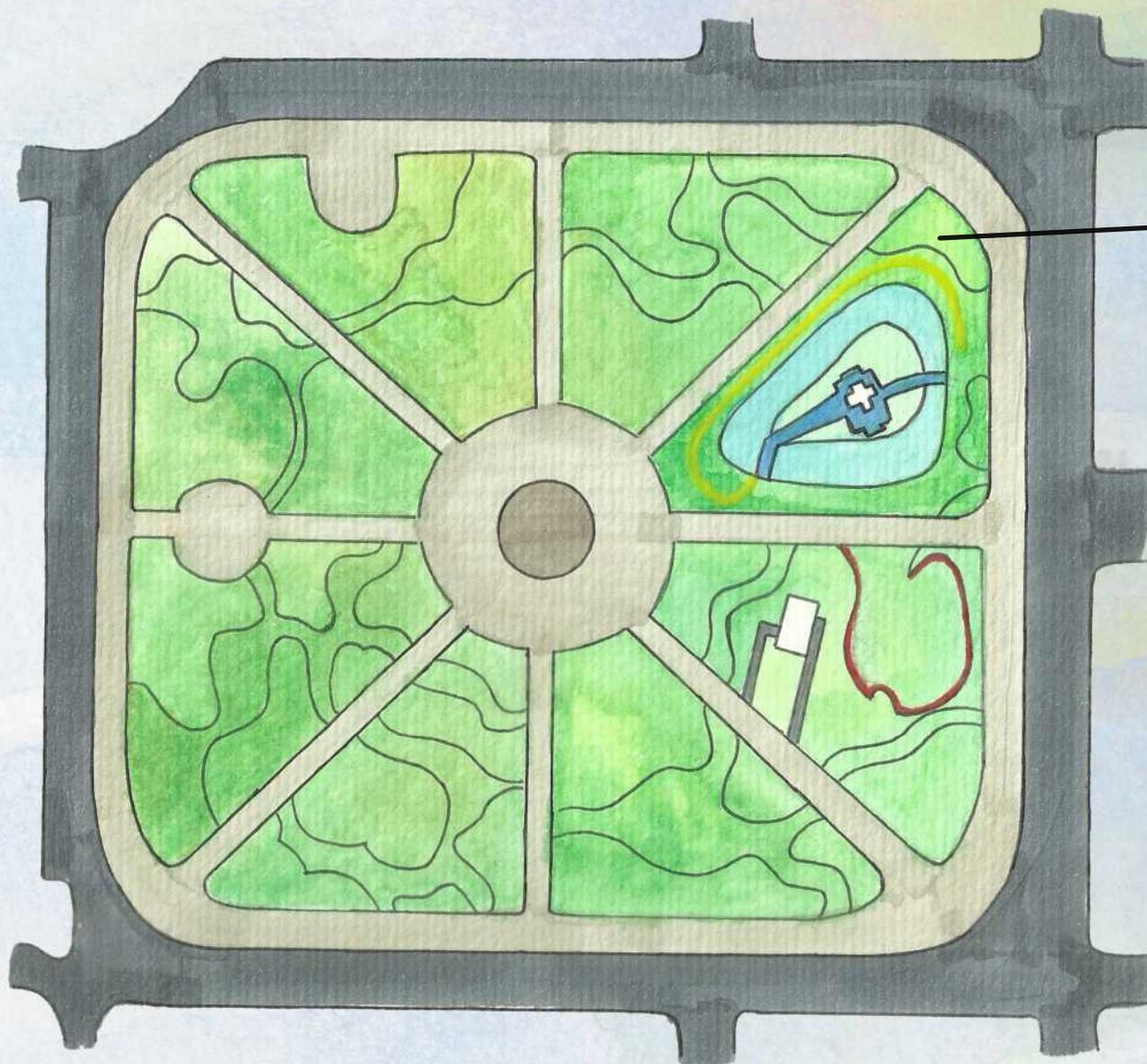
PRAÇA DOMINGOS
RODRIGUES

Praça Coronel Pedro Osório

Desenhos de Rafaela Pereira Turchetti

Texto de Rafaela Pereira Turchetti e Laura Gomes Zambrano





PRAÇA CORONEL PEDRO OSÓRIO

A Praça Coronel Pedro Osório é um espaço de destaque no centro de Pelotas, ocupando uma área de quatro quarteirões. Ela é delimitada pelas ruas XV de Novembro, Lobo da Costa, Félix da Cunha e Princesa Isabel (que é interrompida na Praça e passa a se chamar Marechal Floriano depois da Praça). Diferentemente da rua Padre Anchieta, que, mesmo interrompida pela Praça, mantém a mesma nomenclatura de logradouro no segmento da via, a rua Barão de Butuí termina no encontro com a Praça, como a Princesa Isabel, porém não tem continuidade. A Coronel Pedro Osório não foi a primeira praça de Pelotas, mas se destaca pela sua localização, pelo entorno composto pelos casarões ecléticos e pelo conjunto do paisagismo, iluminação, monumentos e mobiliário, o que faz com que tanto pelotenses como turistas apreciem o local.

A Praça conta com oito acessos pavimentados, que se convergem para um chafariz no ponto central, denominado "Fonte das Nereidas", trazido da França pela Companhia Hydráulica Pelotense, em 1873. Na época, a finalidade era abastecer de água a população das proximidades e atualmente é utilizado como ornamentação do local⁵. A Praça costuma ser cenário de encontros musicais, movimentações artísticas, feira do livro e diversas outras atividades em que o público interage e aprecia não só ações culturais, mas também a natureza e as obras que a compõem⁶.

Entre os seus monumentos, destacam-se: Monumento às Mães; homenagem ao Dr. José Brusque Filho; homenagem a Urbano Garcia; homenagem a Domingos José de Almeida; homenagem ao Dr. Francisco de Paula Amarante; homenagem ao Coronel Pedro Osório; homenagem ao Dr. Miguel Rodrigues Barcellos e escultura de João Simões Lopes Neto. Algumas das referidas obras são de autoria de renomados artistas, como o escultor gaúcho Antônio Caringi, o catalão Antônio Campins, o paulista Hildegardo Leão Veloso e o artista mineiro Léo Santana⁵.

A Praça teve diversos nomes ao longo de sua história, entre eles: Praça do Teatro, Praça da Regeneração, Praça D. Pedro II e Praça da República, sendo também intitulada de Praça do Redondo, a partir da instalação do Chafariz Fonte das Nereidas⁷.

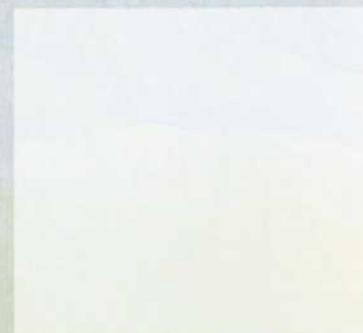
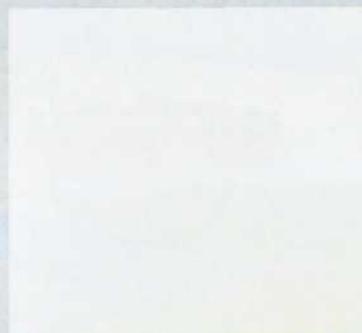
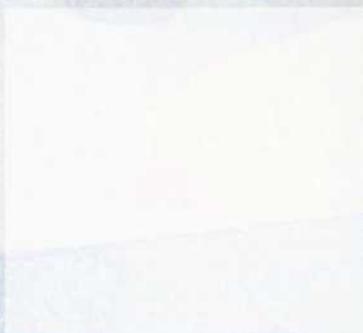
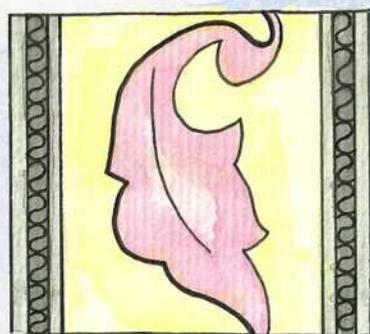
A praça Coronel Pedro Osório, embora já não tenha as movimentações dos hóspedes do Grande Hotel ou das sessões cinematográficas, recitais e encenações do Teatro Sete de Abril do período do apogeu de Pelotas, segue viva e criando novas memórias. Seja através dos pitorescos encontros entre os jogadores de damas, ou como abrigo entre seus ipês e jacarandás, coloridos na primavera, que a colorem para abrigar a Feira do Livro; seja nos seus gramados, que abrigam os piqueniques culturais, lugar de encontro de estudantes, comerciários na pausa da jornada de trabalho, aposentados, crianças, cidadãos e prostitutas, embalados pelas canções dos artistas de rua. Ou, ainda, como ponto de encontro nas manifestações e inquietações político-culturais quando ela e o seu entorno são tomados pela comunidade, transformando-se em palco popular⁸.



DETALHE DO
CHAFARIZ

VAMOS DESENHAR?

Esses são desenhos dos pisos encontrados na Praça Coronel Pedro Osório.
No espaço em branco, crie novos desenhos ou reproduza desenhos dos pisos que já viu pela cidade.



Praça Domingos Rodrigues

Desenhos de Juliane da Cunha Luçardo
Texto de Juliane da Cunha Luçardo



A Praça Domingos Rodrigues localiza-se na região portuária de Pelotas, entre as edificações das antigas Fábrica de Massa e Biscoitos Cotada e Alfândega do Porto, nos quais hoje está instalado o Centro de Engenharias da Universidade Federal de Pelotas. O nome da Praça é uma homenagem ao antigo proprietário das terras. Sua família, quando cedeu ao município aquela área, impôs o compromisso de que a denominação original jamais pudesse ser substituída⁹. A Praça surgiu no ano de 1855, mas o seu auge foi na década de 1930, pela sua localização e proximidade com o porto de Pelotas – que estava em plena atividade na época¹⁰.



PRAÇA DOMINGOS
RODRIGUES

ESCOLA MUNICIPAL
DE ENSINO INFANTIL
MAL. IGNÁCIO
DE FREITAS ROLIM

RUA BENJAMIN CONSTANT

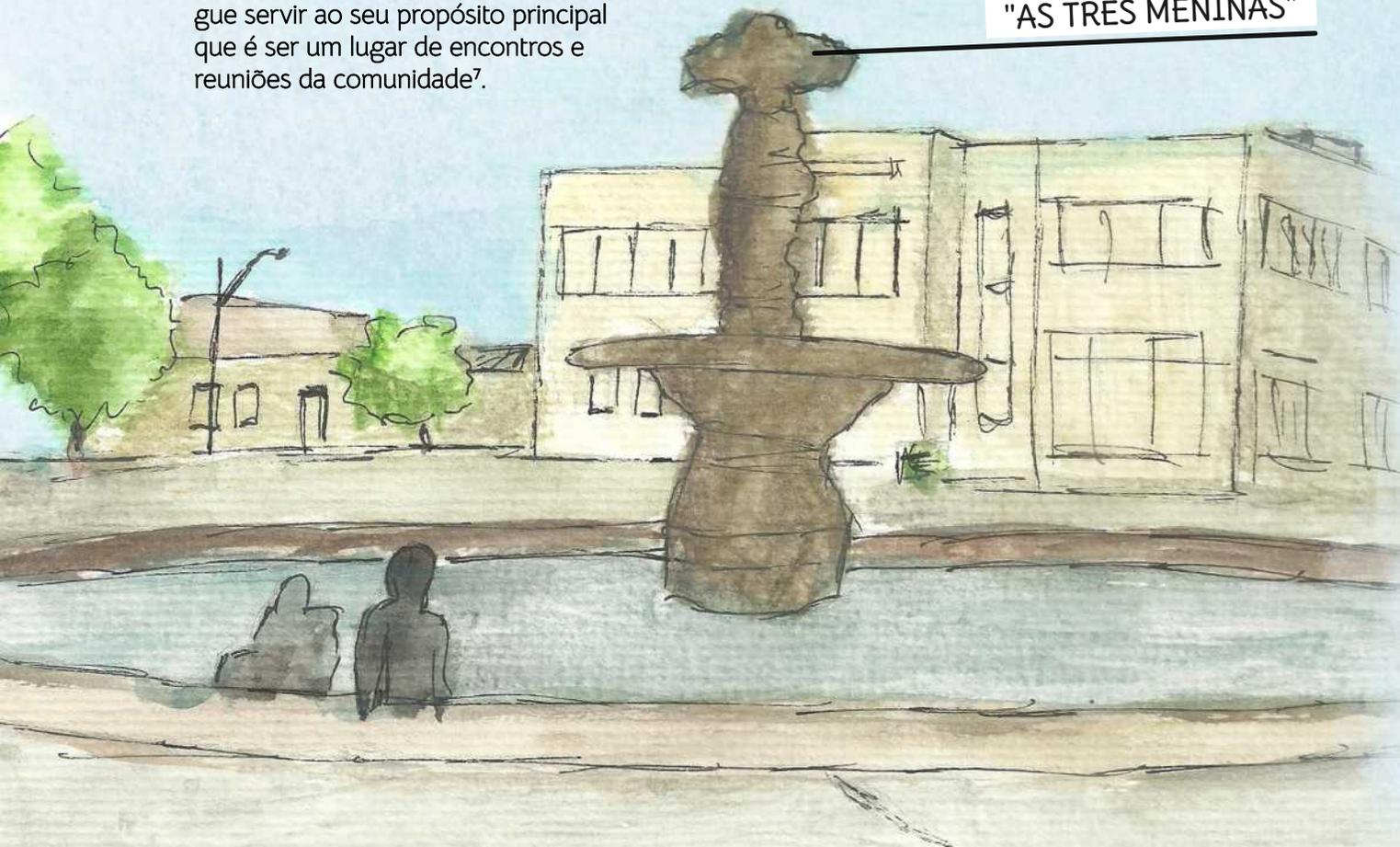
RUA DONA MARIANA

RUA XAVIER FERREIRA

No ano de 1874, nesse local, foi instalada a terceira fonte do município de Pelotas, vinda da França, para abastecer a população local de água potável. Tratava-se do chafariz chamado de "As Três Meninas", que hoje se encontra no Calçadão da Rua Andrade Neves no cruzamento com a Rua Sete de Setembro¹.

Apesar de ter enfrentado uma série de dificuldades ao longo de sua existência, tanto no que tange a sua manutenção quanto a conflitos e problemas com a segurança, a Praça Domingos Rodrigues consegue servir ao seu propósito principal que é ser um lugar de encontros e reuniões da comunidade⁷.

CHAFARIZ "AS TRÊS MENINAS"



A Praça Domingos Rodrigues fica situada em um terreno bastante plano e parcialmente arborizado, delimitada pelas ruas Dona Mariana, Xavier Ferreira, Conde de Porto Alegre e Benjamin Constant. Ela possui outras duas áreas verdes adjacentes que a complementam, configurando um conjunto que poderia ser denominado como um pequeno parque linear. Na quadra contígua à Praça fica a Escola Municipal de Ensino Infantil Mal. Ignácio de Freitas Rolim, que é murada e rodeada por área verde. A quadra seguinte, embora seja propriedade da Universidade Federal de Pelotas e não da Prefeitura Municipal, também é apropriada cotidianamente pela comunidade.

Esse conjunto de áreas verdes tem grande potencialidade como área de lazer para comunidade universitária, moradores do bairro e cidadãos em geral. Há uma proposta de qualificação desse espaço, com a denominação de Parque Linear da Alfândega, por iniciativa do Centro de Engenharias da Universidade Federal de Pelotas e desenvolvida pelo Programa de Extensão Habitat Social da Universidade Católica de Pelotas¹¹.



Praça Josimar Rosado da Silva Tavares

Desenhos de Renan Silveira Bandeira

Texto de Renan Silveira Bandeira



A Praça Josimar Rosado da Silva Tavares, antes conhecida como Praça Cohab Tablada, recebeu este nome em 2019, em homenagem ao jogador de futebol que faleceu no acidente aéreo com a Associação Chapecoense de Futebol¹². Ela fica situada entre as ruas Marcelo Gama, Dr. Ramis Galvão, Dr. Vicente Russomano e Avenida Cel. Tomás Flores, na Cohab Tablada II, Bairro Três Vendas.

Na Cohab Tablada foram construídas cerca de 1500 unidades residenciais unifamiliares entre as décadas de 1960 a 1970. Assim, o entorno da Praça Josimar Rosado da Silva Tavares é caracterizado pelas edificações desse período: casas térreas, com recuos frontais e laterais, e telhado de duas águas.



PRAÇA JOSIMAR ROSADO
DA SILVA TAVARES

AVENIDA CORONEL THOMAS FLORES



A Praça possui uma forma retangular que acompanha o traçado ortogonal das ruas do seu entorno, medindo cerca de 100 por 60 metros e com área aproximada de 6000 m². Uma parte da Praça é arborizada e conta com equipamentos de recreação infantil, enquanto o restante da área possui um gramado com traves de futebol e árvores no seu perímetro.

A comunidade da Cohab Tablada utiliza o local cotidianamente para atividades de lazer e recreação. Em algumas datas comemorativas ali também são realizadas atividades, como por exemplo no Dia das Crianças, com a instalação de brinquedos infláveis; e na véspera de Ano Novo, com uma tradicional partida de futebol na qual os homens jogam vestidos com roupas femininas.

VOCÊ SABIA?

A sigla Cohab se refere às Companhias Estaduais e Municipais de Habitação, viabilizadas pelo Sistema Financeiro da Habitação (SFH) e pelo Banco Nacional de Habitação (BNH). As Cohabs são conjuntos habitacionais de massa, que foram constituídos tanto por residências multifamiliares (como os edifícios da Cohabpel, por exemplo) quanto por residências unifamiliares (como as casas da Cohab Tablada)¹³.

VAMOS DESENHAR?

A Josimar Rosado da Silva Tavares é uma Praça simples e relativamente pequena, que representa outras tantas semelhantes que existem nos bairros de Pelotas. As praças públicas são importantes espaços de interação e socialização, um patrimônio da sociedade. Que tal usar a página seguinte para desenhar alguma praça do seu bairro?

Praça Piratinino de Almeida

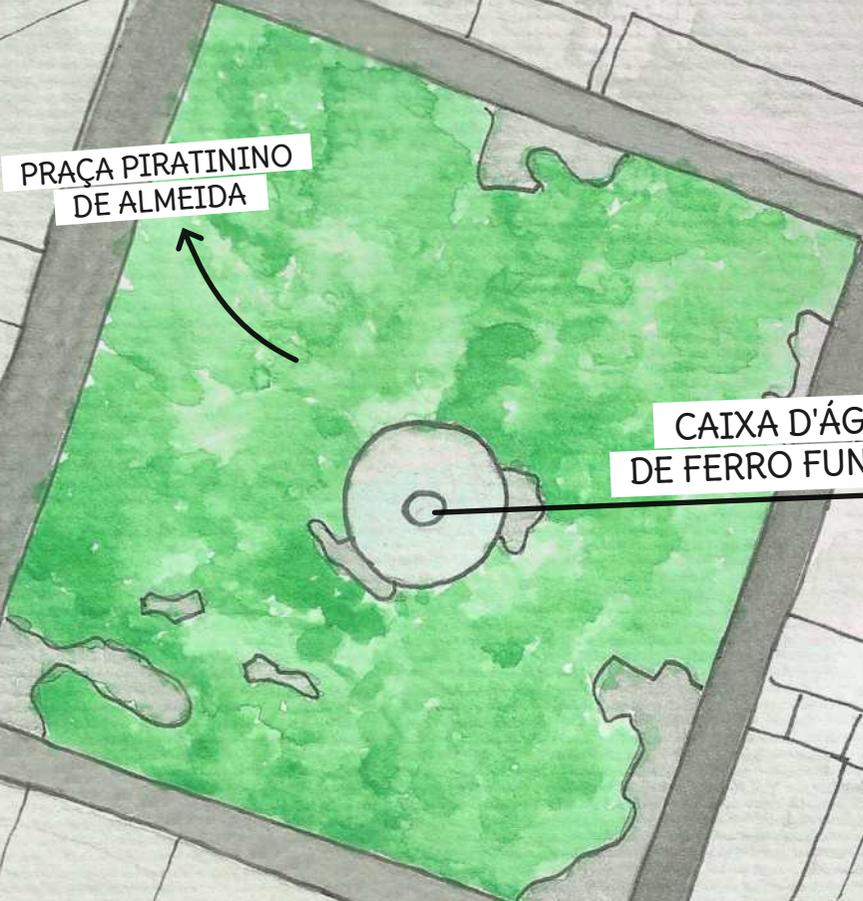
Desenhos de Camila Araújo Lisbôa e Laura Teixeira Fernandez
Texto de Camila Araújo Lisbôa e Vanessa Patzlaß Bosenbecker



A Praça Piratinino de Almeida foi prevista no segundo loteamento de Pelotas e foi construída num terreno adquirido em 1878 pela Santa Casa de Misericórdia. Inicialmente, foi chamada de Praça ou Largo da Caridade, em 1881 seu nome foi mudado para Silveira Martins e, a partir de 1893, passou a ser denominada Piratinino de Almeida, como uma homenagem ao político local que foi líder do Partido Republicano Rio-Grandense¹⁴.

PRAÇA PIRATININO
DE ALMEIDA

CAIXA D'ÁGUA
DE FERRO FUNDIDO



Esse espaço público ocupa todo o quarteirão fronteiro à Santa Casa de Misericórdia e mede aproximadamente 100x110m. Seu traçado é simétrico e organizado em eixos que convergem para o ponto central onde, em 1873, foi instalado o reservatório de água pertencente à antiga Hidráulica Pelotense e proveniente da Escócia⁹. A Praça também é arborizada e possui mobiliários como bancos, lixeiras e iluminação. O reservatório foi pré-fabricado em ferro fundido e o conjunto de peças veio de navio junto com o engenheiro encarregado de gerenciar o processo de montagem. Para conduzir o material, a Companhia Ferro Carril teve que estender trilhos de trem por um longo trecho, do porto pelotense até a Praça¹⁵.

Com o objetivo de suprir o abastecimento de toda área central de Pelotas, a caixa d'água tem capacidade para armazenar 1500m³ de água e funcionou até o ano de 2009, sob responsabilidade do Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas (Sanep). Ela é o elemento que mais se destaca na Praça e o maior monumento da cidade de Pelotas. É considerada um dos mais importantes monumentos em ferro do Brasil e foi tombada como patrimônio histórico nacional pelo Iphan em julho de 1984.

Apresenta uma planta baixa em coroa circular e é elevada sobre 45 colunas. Na parte superior existe um mirante que atualmente está fechado, mas de onde era possível contemplar a cidade. O acesso se dava através de uma grande escada helicoidal presente na parte inferior da estrutura. O monumento é, em grande parte, ornado com consoles, molduras, grades e arcos em ferro.

A Praça foi reconhecida como Patrimônio Cultural pelo Iphan em 2018, juntamente com as praças José Bonifácio, Coronel Pedro Osório, Cipriano Barcelos, o Parque Dom Antônio Zattera, a Charqueada São João e a Chácara da Baronesa, pois conjuntamente esses bens apresentam a semelhança de compartilhamento de uma história comum, em maior ou em menor grau, todos relacionam-se com o ciclo do charque pelotense¹⁶.



VAMOS DESENHAR?

Você percebeu que o torreão da caixa d'água é simétrico? Isso significa que um lado é igual ao outro! Na imagem a seguir, você pode completar o lado que falta do desenho aplicando esse conceito.



2 _ Parques

Desenho de Gabriela Falck Strelow

Parques urbanos são áreas públicas ou de uso público com dimensões significativas, frequentemente utilizados como espaços de lazer, para a prática de esportes, atividades turísticas e contemplação da natureza¹⁷. Nos parques, usualmente predominam elementos naturais, principalmente cobertura vegetal¹⁸.

A seguir, o livro traz desenhos e informações sobre o Museu Municipal Parque da Baronesa e o Parque Dom Antônio Zattera. Ambos compõem o conjunto histórico de Pelotas declarado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como Patrimônio Cultural Brasileiro¹⁹.



PARQUE DOM
ANTÔNIO ZATTERA

MUSEU MUNICIPAL
PARQUE DA BARONESA

Museu Municipal Parque da Baronesa

Desenhos de Raquel dos Santos e Luiza da Silva Bittencourt
Texto de Raquel dos Santos e Luiza da Silva Bittencourt



No ano de 1863, o coronel Annibal Antunes Maciel comprou o terreno, onde hoje está localizado o Museu Municipal Parque da Baronesa, para presentear seu filho Annibal Antunes Maciel Junior, em virtude de seu casamento com Amélia Fortunata Hartley de Brito. O casal mudou-se da cidade do Rio de Janeiro para Pelotas e por muitos anos viveram ali, sendo eles a primeira das três gerações que por ali passariam²⁰.

Além do prédio principal, onde fica o Museu da Baronesa, o terreno recebeu outras construções. Foi construída, por volta de 1900 a 1905, uma casa de banho, na qual as mulheres da casa poderiam se refrescar nos dias quentes de verão. Já em 1935 foi construído um sobrado no estilo bangalô americano, que se chama "Vila Stella", e pertencia a um dos netos

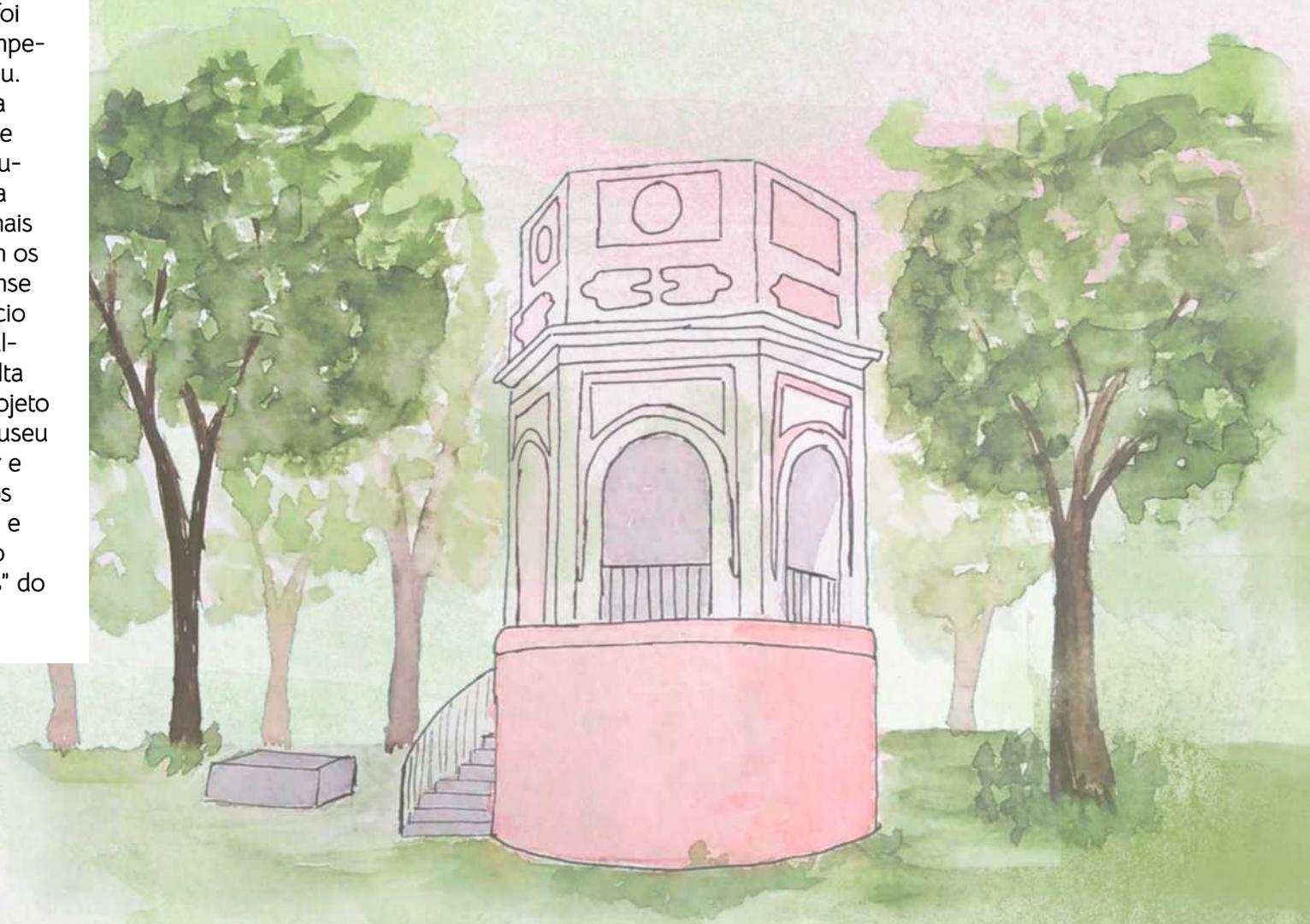
da Baronesa. Há também uma gruta com pedras de quartzo incrustadas que, segundo os ditos populares, servia para abrigar os escravos. Ao lado da edificação há um chafariz que possui todo o seu entorno coberto por jardins, para que dona Amélia não sentisse tanta falta de sua cidade natal, o Rio de Janeiro²⁰.

Em 1978, toda a propriedade foi entregue pela família à cidade de Pelotas, com o acordo de transformá-la em um museu, e seu entorno em um parque aberto ao público. O local foi inaugurado e aberto ao público em 25 de abril de 1982, e três anos depois, em 1985, foi tombado como patrimônio municipal²¹. Em 2018 foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), integrando parte do Conjunto Histórico de Pelotas diretamente relacionado ao período do charque (1800 a 1900) e ao início da industrialização (1900 a 1930)¹⁹. Hoje o Parque, que possui cerca de seis hectares, conta também com playground e equipamentos de ginástica para a terceira idade, além de considerável área verde bastante frequentada pelos pelotenses, especialmente nos finais de semana.



CURIOSIDADES

Entre 1978 e 1982 a edificação principal do Parque foi restaurada e passou a desempenhar a nova função de Museu. Essa intervenção provocou a demolição da construção que abrigava os escravos, configurando um apagamento dessa memória. O Museu possui mais de 3000 peças que retratam os hábitos da sociedade pelotense do final do século XIX ao início da década de 1930, essencialmente pessoas brancas da alta sociedade. Atualmente, o projeto "Visibilidade do Negro no Museu da Baronesa" busca resgatar e valorizar a cultura dos negros que foram trazidos da África e escravizados e que até então eram "personagens invisíveis" do Parque da Baronesa²².





Parque Dom Antônio Zattera

Desenhos de Matheus Oliveira de Oliveira

Texto de Ana Martha Bonat Nogueira, Marina Janelli da Silva Ruas, Nathalia da Rosa Lund e Rafaela Borges Van-Gysel



O Parque Dom Antônio Zattera surgiu em 1875, sob o nome de Praça General Câmara, e em 1893 tornou-se Praça Júlio de Castilhos, até receber o título de Parque e o nome do quarto bispo de Pelotas em meados do século XX⁹. Fica localizado na área norte de Pelotas, sendo delimitado pelas ruas Andrade Neves, Padre Anchieta, Doutor Amarante e pela Avenida Bento Gonçalves. A Rua XV de Novembro dividia a antiga Praça em duas partes até 1975 e, posteriormente, houve a unificação das duas quadras¹⁰.

Na área ocupada hoje pelo Parque Dom Antônio Zattera foi instalado o primeiro local de execuções públicas por força em Pelotas, sendo a força transferida para a Praça da Constituição em 1850⁹. Por volta de 1917, o Parque (que ainda era uma praça) recebeu melhorias, como iluminação e jardins²³. Em 1920 foi construído o banheiro que tinha planta octogonal e era cercado por canteiros. Ainda na década de 1920, foi construído o prédio para a Escola João Affonso Corrêa de Almeida. O lago que existia na ala nordeste da Praça foi aterrado e transformado em um grande canteiro; e o lado leste também recebeu novos canteiros e vegetação florida. Posteriormente à década de 1930, foi construído o Altar da Pátria¹⁰.



PARQUE DOM
ANTÔNIO ZATERA

ESTÁDIO BOCA
DO LOBO

AVENIDA BENTO GONÇALVES

No ano de 1963, a Praça passou a sediar a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, hoje denominada Escola Municipal de Ensino Infantil Ruth Blank²³. De 1970 a 1990, foram instalados equipamentos de recreação infantil, pista para ciclistas e um miniparque de diversões para crianças¹⁰. Abrigou, também, um viveiro de animais, com destaque para os macaquinhos, que deram origem ao apelido de Praça dos Macacos²⁴.

A partir de 1980, a Praça passa a ser Parque²⁵. Em 1993 acontece a inauguração do Monumento à Bíblia e, em 2001, o prédio destinado à Escola João Affonso Corrêa de Almeida passa a sediar a Academia Pelotense de Letras²³. No ano de 2009 o Parque foi reinaugurado, após passar por uma revitalização por parte do projeto Pelotas Polo Sul. Foram feitos novos projetos de iluminação e de calçamento, além da realocação dos espaços²⁵. Em 2016, foi feita uma requalificação do passeio público do Parque e instalada uma academia ao ar livre²³ e, em 2018, ele foi tombado¹⁶.

VAMOS DESENHAR?

O Parque Dom Antônio Zattera é um espaço em constante modificação: durante a elaboração deste livro foi demolida a pista de skate que existia para a construção de um novo skate parque, inaugurado em 2022. Veja os desenhos das duas pistas antigas e faça um desenho mostrando a pista nova.

3 _

Avenidas

Desenho de Renan Corrêa Bauer

Uma avenida pode ser definida como uma via pública urbana ampla, mais larga do que as ruas tradicionais, geralmente com canteiro central e arborizada²⁶. A palavra avenida deriva do francês *avenue*, o particípio passado do verbo *venir*, que significa chegar²⁷. As avenidas geralmente são concebidas para facilitar a circulação entre o centro e a periferia e frequentemente utilizadas para a realização de desfiles, manifestações ou atos festivos²⁸.

As avenidas Duque de Caxias, Dom Joaquim e Domingos de Almeida serão mostradas a seguir como exemplos dessa tipologia em Pelotas. Através dos desenhos e informações será possível identificar diferenças e semelhanças entre elas.



AVENIDA DUQUE
DE CAXIAS

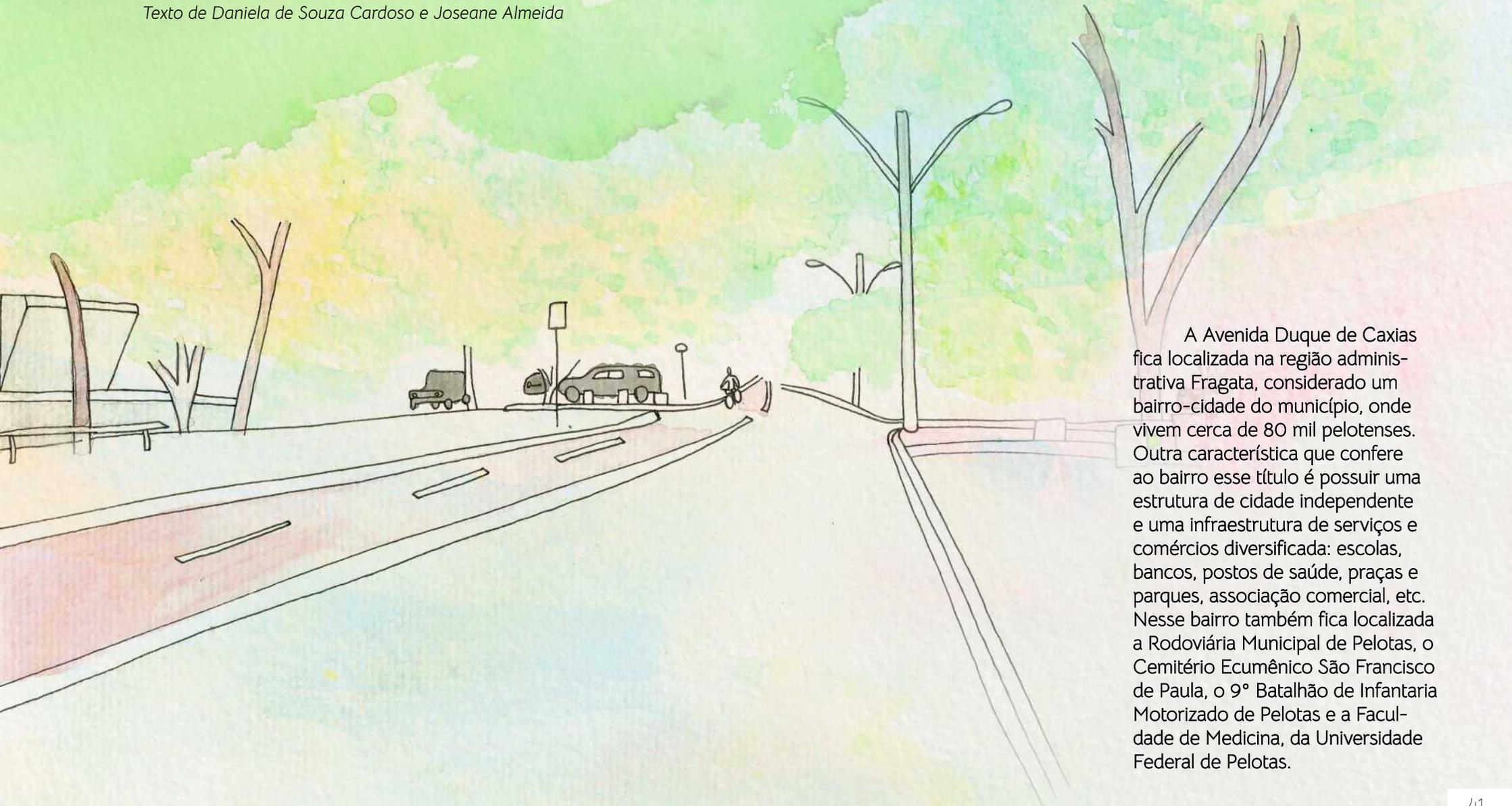
AVENIDA
DOM JOAQUIM

AVENIDA
DOMINGOS DE ALMEIDA

Avenida Duque de Caxias

Desenhos de Daniela de Souza Cardoso

Texto de Daniela de Souza Cardoso e Joseane Almeida



A Avenida Duque de Caxias fica localizada na região administrativa Fragata, considerado um bairro-cidade do município, onde vivem cerca de 80 mil pelotenses. Outra característica que confere ao bairro esse título é possuir uma estrutura de cidade independente e uma infraestrutura de serviços e comércios diversificada: escolas, bancos, postos de saúde, praças e parques, associação comercial, etc. Nesse bairro também fica localizada a Rodoviária Municipal de Pelotas, o Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, o 9º Batalhão de Infantaria Motorizado de Pelotas e a Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Pelotas.



O Fragata está localizado a oeste da zona central, tendo como eixo condutor a antiga Estrada de Piratini, que também já se chamou Estrada Geral, Estrada do Fragata, Avenida Daltro Filho, e hoje é denominada Avenida Duque de Caxias e Praça Vinte de Setembro. A Avenida Duque de Caxias atravessa o Fragata, percorrendo-o de ponta a ponta, no sentido Leste-Oeste e também constitui o acesso do município, para quem vem da BR 392.

A Avenida Duque de Caxias é a via principal do Fragata e também é conhecida como a avenida mais larga da cidade de Pelotas e uma das mais largas do estado do Rio Grande do Sul. Teve por origem a Estância Santa Bárbara²⁹, em 1779, e nela se originou o Passo do Fragata, hoje Região Administrativa do Fragata. Em 1905 foram plantados

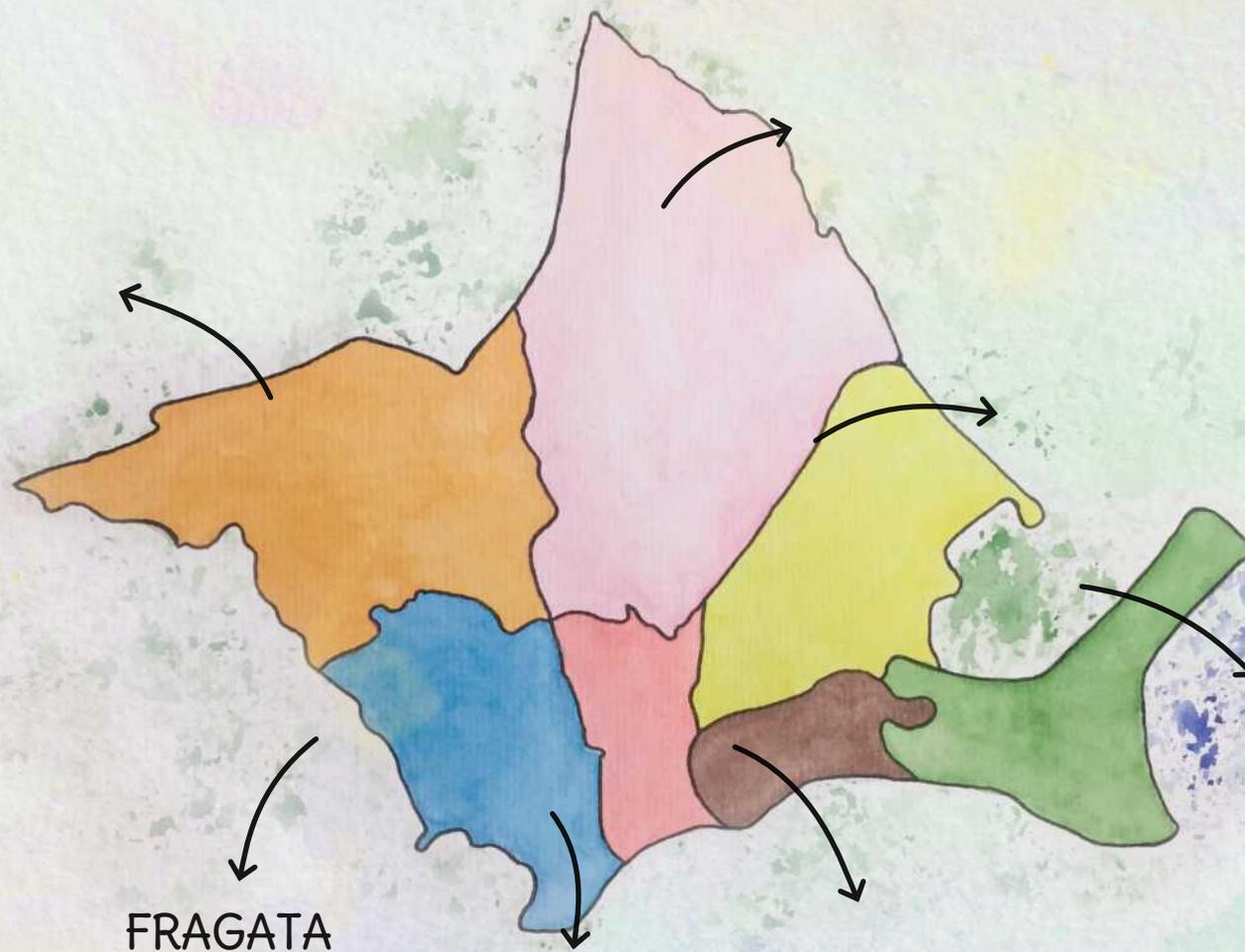
eucaliptos formando um corredor central ao longo da avenida. Antigamente, trafegavam por ela carruagens, carroças e também um bonde com tração animal no canteiro central, no caminho conformado pelos eucaliptos. Atualmente, possui um movimento intenso de automóveis nos dois sentidos e também uma ciclovia no canteiro central.

A "Duque", como costuma ser chamada pelos pelotenses, é marcada também pela diversidade de usos que comporta: nela encontram-se os conhecidos trailers de lanche, bares e casas noturnas, feira de hortifruti, de artesanato e de automóveis. Seu canteiro central é utilizado para a prática de exercícios, caminhadas, ciclismo e para acolher rodas de mate nos lugares onde as árvores convidam para uma sombra³⁰. Conforme o III Plano Diretor de Pelotas³¹, a Avenida faz parte de um projeto especial, denominado "Corredor Verde", que percorre a cidade do Frágata ao Laranjal, formado pelos parques lineares das avenidas Duque de Caxias, Bento Gonçalves, Ferreira Viana e Adolfo Fetter. Na prática, ainda é preciso qualificá-las muito para que configurem, efetivamente, parques lineares e componham um corredor verde de fato.



VAMOS COMPLETAR?

Além da região administrativa do Fragata, Pelotas tem outras seis regiões: Barragem, Areal, Três Vendas, Laranjal, São Gonçalo e Centro. No mapa está indicada a região do Fragata, onde fica a Avenida Duque de Caxias. Complete o mapa indicando as demais regiões.



Avenida Dom Joaquim

*Desenhos de Fernanda Tomiello
Texto de Jordana Hoff*





AVENIDA DOM JOAQUIM

VOCÊ SABIA?

A Região das Três Vendas tem esse nome porque antigamente no entroncamento das avenidas Fernando Osório e Salgado Filho havia três vendas, nas quais os colonos vinham para a cidade vender seus produtos³².

A Avenida Dom Joaquim está localizada entre as regiões administrativas do Centro e das Três Vendas, na cidade de Pelotas. As primeiras ocupações dessa região ocorreram entre 1825 e 1851, no chamado Logradouro Público, local onde ficava concentrado o gado das charqueadas. Como era um espaço destinado ao gado, as negociações dos charqueadores eram feitas no local, fazendo surgir vários comércios e pontos de parada destinados aos tropeiros que lidavam com o gado³².

A Avenida Dom Joaquim se caracteriza por um canteiro central largo, grande parte com gramado, arborização e mobiliários urbanos, como bancos e lixeiras, distribuídos ao longo dos seus aproximadamente 2 km. Conta com espaços para atividades físicas, como academia ao ar livre, pista de caminhada e ciclovia. É um espaço tradicionalmente associado às atividades físicas e ao lazer, concentrando grupos em rodas de conversa e chimarrão. Também é palco de feiras semanais e, eventualmente, encontros de carros antigos. Em seu entorno, apesar da predominância do uso residencial, encontram-se bares e restaurantes, que conferem uma vida noturna ao local. Também é caracterizada por consultórios médicos, academias e um comércio bastante elitizado, que vai desde lojas de móveis até artigos esportivos³³.

ENCONTRO DE CARROS
ANTIGOS NA AVENIDA
DOM JOAQUIM



Avenida Domingos de Almeida

Desenhos de Arthur Martins Vieira e Fernanda Tomiello
Texto de Gisele Dutra Quevedo



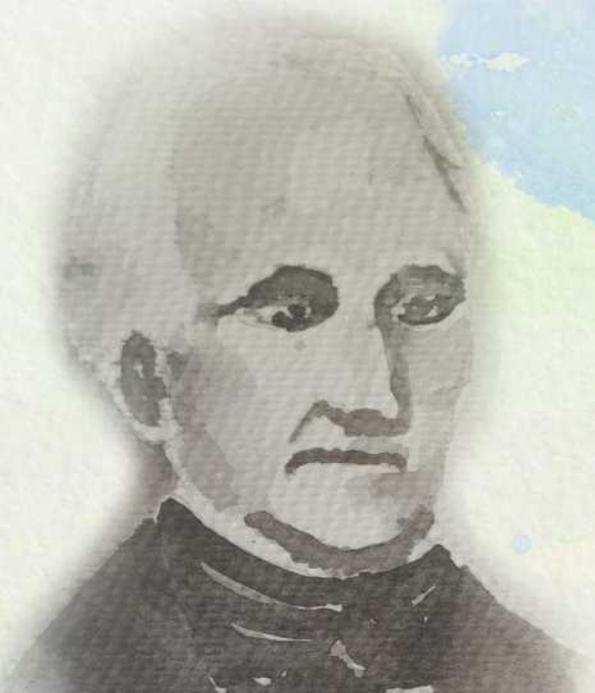
A Avenida Domingos de Almeida é a principal via arterial da Região Administrativa do Areal, fazendo sua conexão com o centro e com a avenida que leva até o Laranjal. Destaca-se por sua contribuição cultural para a cidade de Pelotas, pois nela se situam o Museu Municipal Parque da Baronesa e o Obelisco Republicano - ou Obelisco Domingos José de Almeida. Além disso, ela integra a rota turística que leva até os sítios charqueadores³², situados às margens do Arroio Pelotas.

A Avenida possui um canteiro central arborizado com ciclovia, pistas para circulação e estacionamento de automóveis, e calçadas junto ao alinhamento predial. Entre 2016 e 2019 passou por uma requalificação que incluiu a construção de calçadas, pavimentação nas paradas de ônibus e na ciclovia, redes de drenagem e esgoto, acessibilidade, mobiliário urbano e sinalização.



AVENIDA DOMINGOS
DE ALMEIDA

MUSEU MUNICIPAL
PARQUE DA BARONESA



VOCÊ SABE QUEM FOI DOMINGOS DE ALMEIDA?

Tanto o nome da Avenida quanto o do Obelisco são uma homenagem a Domingos José de Almeida, o qual possuía uma charqueada que se localizava em frente ao monumento. Ele ficou bastante conhecido por ter sido a mente pensante da Revolução Farroupilha (uma das poucas coisas que é consenso entre os historiadores sobre esse período).

Além disso, consta em sua biografia que ocupou vários cargos na República Rio-Grandense, foi pioneiro na aplicação da energia a vapor, tendo construído a primeira barca a vapor do Rio Grande do Sul. Foi o inventor das "tinas digeridoras" usadas nas charqueadas e se destacou também por sua atuação política durante toda a sua trajetória por Pelotas.

O entorno da Avenida Domingos de Almeida se desenvolveu no período das charqueadas, quando a região era conhecida como Estrada da Costa, ao longo da qual estavam localizadas a maioria das Charqueadas. Naquele período, constituía um caminho importante pela conexão com o Passo dos Negros, estrada percorrida pelos escravos que chegavam pelo porto de Rio Grande, trazidos a Pelotas e submetidos ao trabalho escravo nas charqueadas³².



4 _

Largos

Desenho de Gabriela Rosado Julio

Um largo pode ser definido como um espaço livre que permite a realização de múltiplas atividades e a contemplação do ambiente urbano e arquitetônico. Costuma ser uma área urbana ampla, que geralmente fica no cruzamento de ruas³⁴. Apesar de serem espaços semelhantes às praças, os largos costumam ser mais pavimentados, menos arborizados e com pouco mobiliário ou equipamentos urbanos.

Pelotas não possui muitos largos se compararmos ao número de praças, por exemplo. Alguns dos poucos que existem, no entanto, são espaços bastante conhecidos pela comunidade. O Largo Edmar Fetter ou "Largo do Mercado" fica junto ao Mercado Central, em uma localização bastante privilegiada. O Largo da Estação Férrea, também próximo à zona Central e recentemente revitalizado, também tem sido muito utilizado pelas pessoas.

A watercolor-style map of a city grid. The grid consists of approximately 10 columns and 8 rows of squares. The squares are filled with various colors: light green, light blue, light purple, light pink, and light orange. Two squares are highlighted with red rectangles. The first red rectangle is located in the second column from the left and the fourth row from the top. The second red rectangle is located in the eighth column from the left and the fifth row from the top. Arrows point from text labels to these two red rectangles.

LARGO
DA ESTAÇÃO
FÉRREA

LARGO
EDMAR FETTER

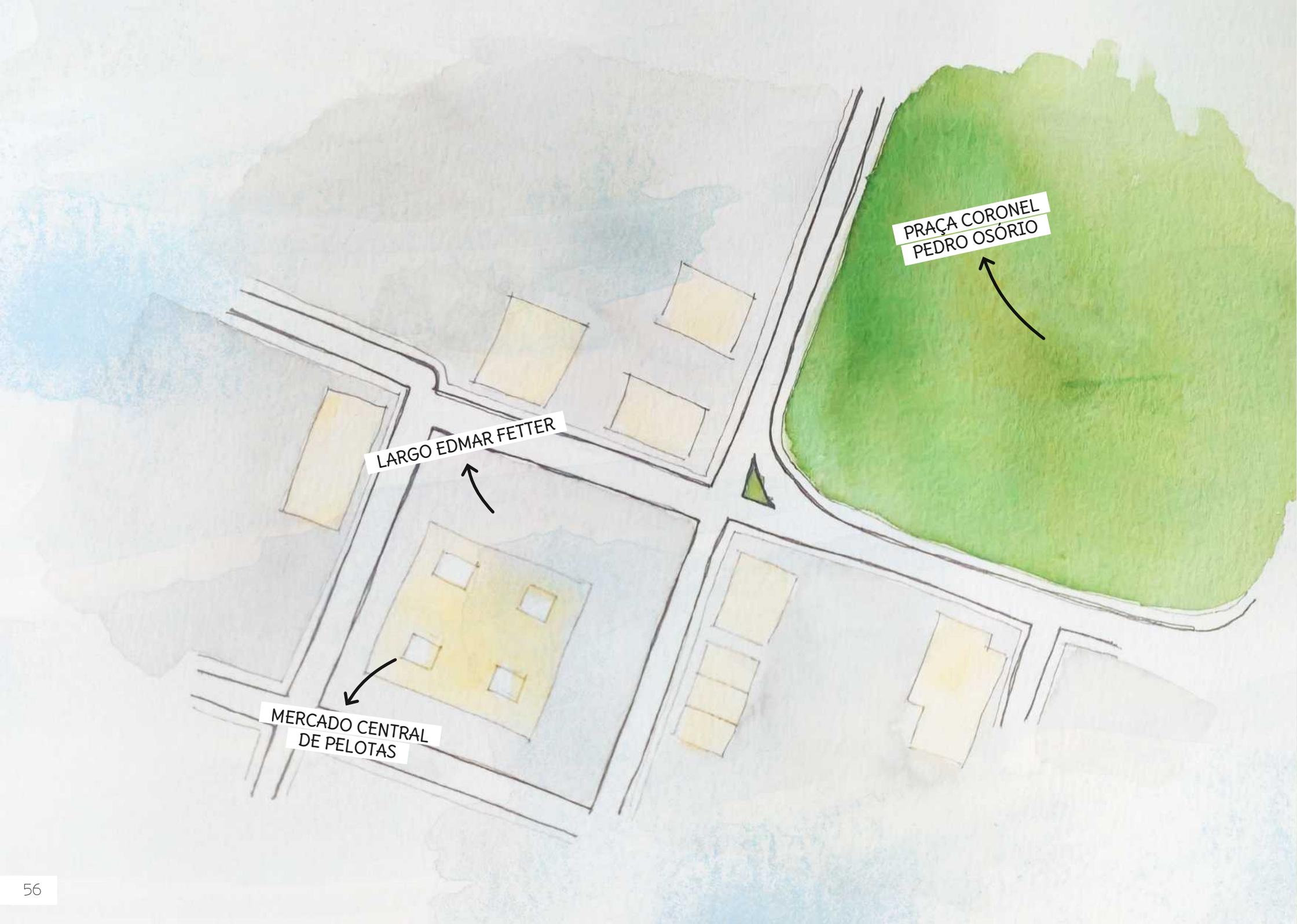
Largo Edmar Fetter

*Desenhos de Fabiana Sá da Silva, Lauren Gonçalves Vieira e Milena Brahm Bielemann
Texto de Carolina Magalhães Falcão*



Antes da construção do Mercado Central de Pelotas, a sua quadra era denominada Praça 7 de Julho, cujo nome homenageava o aniversário da cidade. Somente após a edificação do Mercado foi criado o Largo Edmar Fetter ou Largo do Mercado.

Até 1990 parte do espaço do Largo era destinado ao abrigo que inicialmente serviu aos bondes e depois aos ônibus. Na década de 1990 até meados dos anos 2000, o Largo do Mercado foi ocupado por vendedores ambulantes, cujas instalações comprometiam o caráter aberto do espaço e bloqueavam parcialmente o trânsito pela Rua XV de Novembro. Após a realocação dos vendedores ambulantes para o Camelódromo, o Largo foi aos poucos se consolidando como espaço livre e comportando novas atividades e usos.



LARGO EDMAR FETTER

PRAÇA CORONEL
PEDRO OSÓRIO

MERCADO CENTRAL
DE PELOTAS

MERCADO CENTRAL
EM 1848

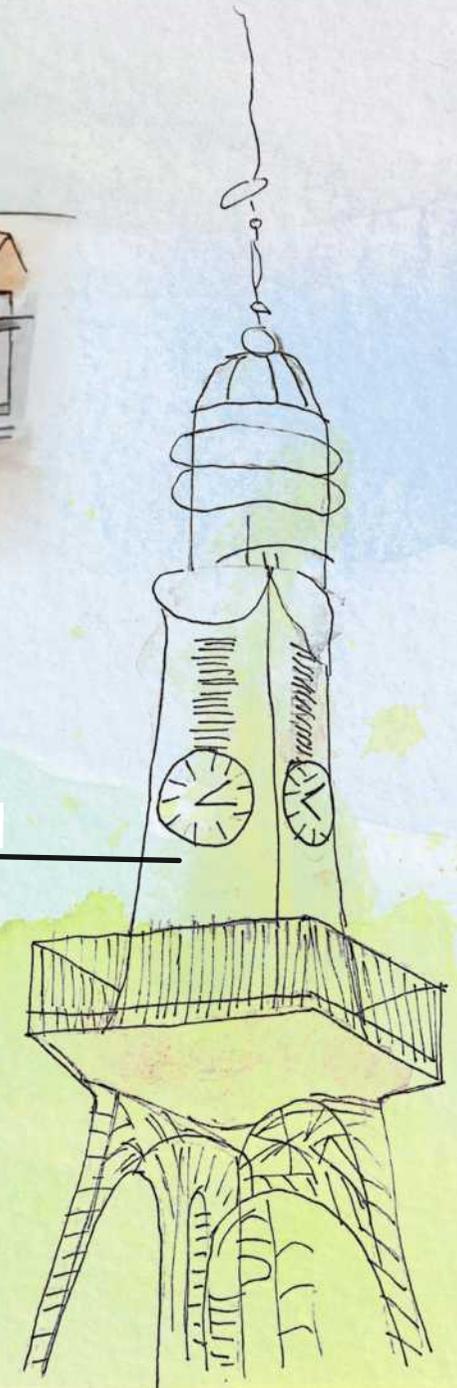


A edificação do Mercado, atualmente em estilo eclético, foi reformada entre 1911 e 1914 para se adequar ao gosto da época. Entre as alterações estão os acessos principais, que antes se localizavam nas esquinas e passaram para o centro das faces da torre de ferro³⁵. Na década de 1950 chegou a ser elaborado um projeto de um novo mercado, substituindo a edificação existente. Em 1969 um incêndio atingiu o Mercado causando graves danos³⁶. Até início dos anos 2000 tinha um uso predominantemente comercial e, em 2012, passou por um restauro que, além das intervenções na construção, fez com que seu uso passasse a ser

também associado à convivência e lazer. Junto ao Largo predominam espaços para a comercialização de alimentos, como as tradicionais peixarias, bares e restaurantes. Internamente, possui lojas variadas, incluindo produtos ligados à cultura da cidade.

Hoje, o Largo abriga uma diversidade de atividades culturais, como a Feira de Antiguidades, popularmente conhecida como o *Mercado das Pulgas*³⁵, feiras de produtores rurais, exposições de carros antigos, apresentações artísticas e manifestações populares. O Largo é ponto de encontro e lugar democrático, sendo frequentemente palco para manifestações políticas e culturais.

DETALHE DA
TORRE DO MERCADO



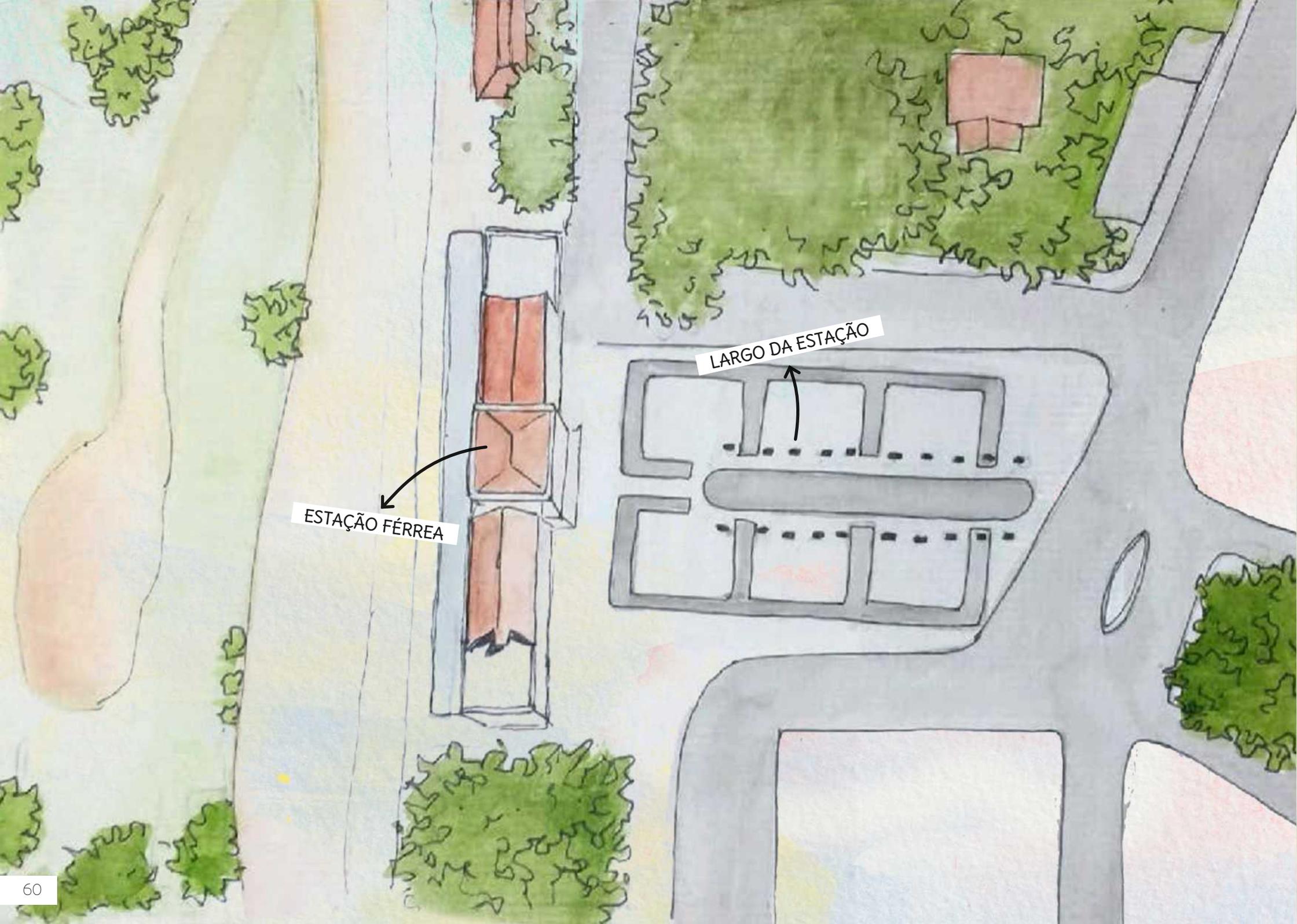


Largo da Estação Férrea

Desenhos de Djuli Vaz de Souza
Texto de Vanessa Blank Kopf



LARGO DA ESTAÇÃO
FÉRREA ANTES DA RÉFORMA
CONCLUÍDA EM 2014



ESTAÇÃO FÉRREA

LARGO DA ESTAÇÃO

A antiga Estação Férrea de Pelotas, localizada no Largo de Portugal, ao final da Rua Dom Pedro II, foi construída para completar a linha ferroviária entre Rio Grande, Bagé e Pelotas. Essas três cidades compunham o tripé da economia do Sul do estado do Rio Grande do Sul na época de sua inauguração, em 1884³⁷.

A partir desse ponto se distribuiu também linhas de ferro até outras regiões da cidade e ao porto, levando ao crescimento urbano e econômico, melhorando o escoamento da produção da cidade, especialmente o charque. Assim, o chamado Largo da Estação ficou mais movimentado, gerando aumento do transporte de carga e passageiros e a necessidade de ampliação do prédio alguns anos depois³⁸. A Estação, com concepção inicial em estilo inglês, recebeu por volta de 1930

acréscimos nas duas laterais com características do estilo eclético³⁹.

Em 1996, o transporte de passageiros foi desativado e a estação ficou abandonada, sofrendo os danos ocasionados pelas intempéries, depredação, pichação e um incêndio. Em 2011 o local foi entregue aos cuidados da Prefeitura de Pelotas que, em 2012, iniciou o restauro, sendo concluído em 15 de dezembro de 2014. O prédio foi totalmente restaurado, voltando às características originais. Desde então, funcionam no local o Programa Estadual de Defesa do Consumidor (Procon-RS), o Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (Cerest), o Museu Ferroviário e a sede do Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas (IHGPel)³⁹.

O Largo da Estação também pode ser caracterizado como

elemento de conexão entre as Regiões Administrativas do Centro e do Fragata e das Microrregiões denominadas Estação e Simões Lopes. Os trilhos também constituem uma barreira ou limite, cuja conexão, nesse trecho, se dá por uma passarela elevada sob o leito da via férrea, por onde os pedestres transitam diariamente. Com a requalificação do Largo da Estação, os terminais de ônibus foram deslocados para uma área paralela aos trilhos, dando ao Largo um ar de praça seca, proporcionando à comunidade um local de lazer. A limitação do fluxo de veículos, pela configuração do Largo caracterizado como final de via ou quase uma rua sem saída, torna o espaço mais seguro e tranquilo, seja para as crianças brincarem ou para aqueles que querem permanecer nesse local.



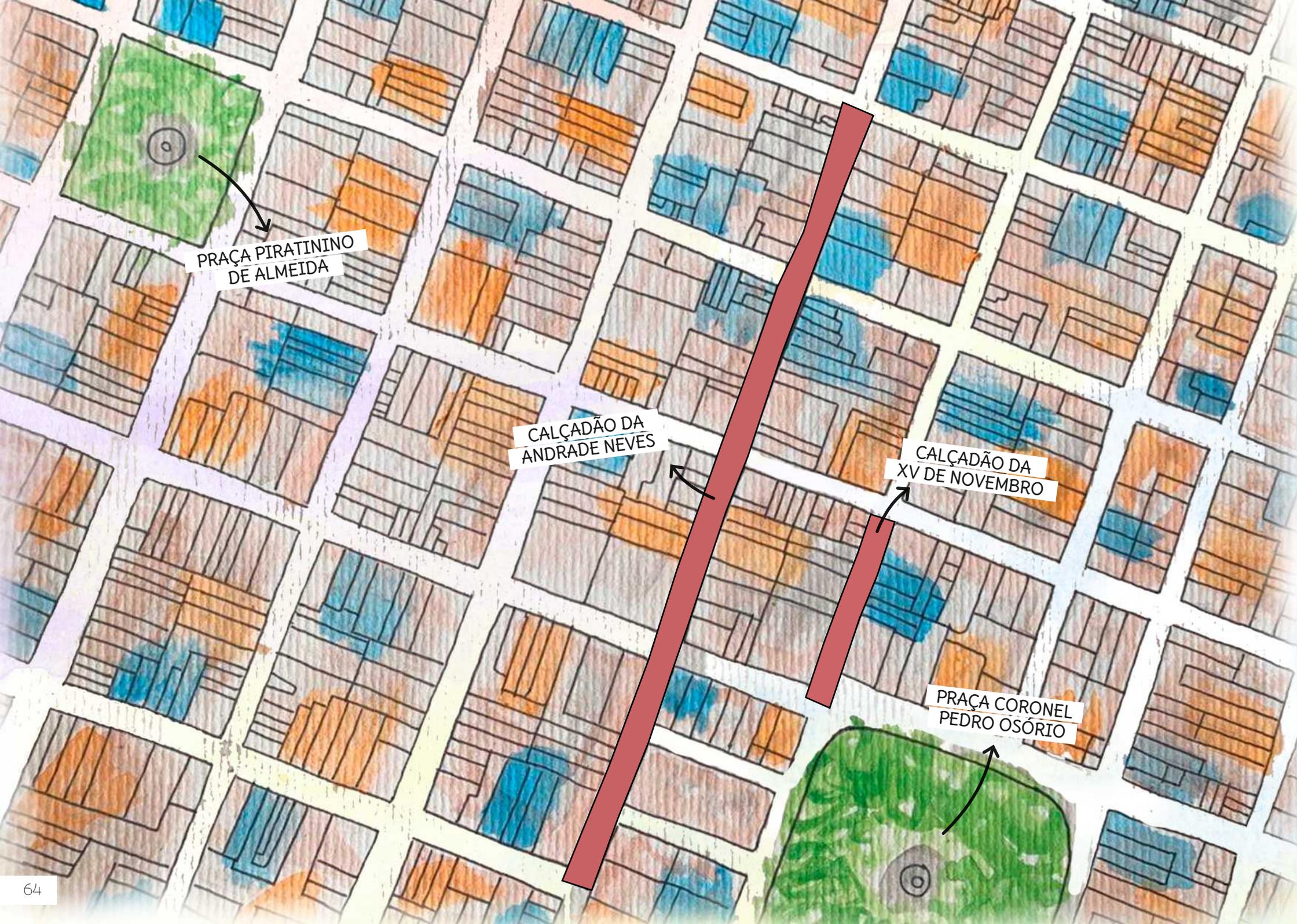
5 _

Calçadões

Desenho de Mariana Roncato da Silva

Calçadões são espaços que se constituem em uma via urbana que possua calçada larga e alguma extensão longitudinal, normalmente localizados à beira-mar ou em vias urbanas sem acesso à veículos⁴⁰. Destinados preferencialmente aos pedestres e modais leves, costumam ser criados para estimular o comércio, o intercâmbio social e a prática de atividades físicas.

Em Pelotas, os calçadões das ruas Andrade Neves, XV de Novembro e Sete de Setembro, com uso predominantemente comercial e ainda cruzados pelas galerias comerciais, configuram uma espécie de *shopping* a céu aberto. A seguir, o livro traz imagens e histórias dos calçadões da XV de Novembro e da Andrade Neves. Em ambos, destacam-se os desenhos que representam dois momentos diferentes: um antigo, quando as ruas ainda possuíam leito carroçável e calçadas tradicionais, havendo conflito entre o fluxo de pedestres e o trânsito de automóveis; e outro atual, com restrição do trânsito de veículos e priorização dos pedestres.



PRAÇA PIRATININO
DE ALMEIDA

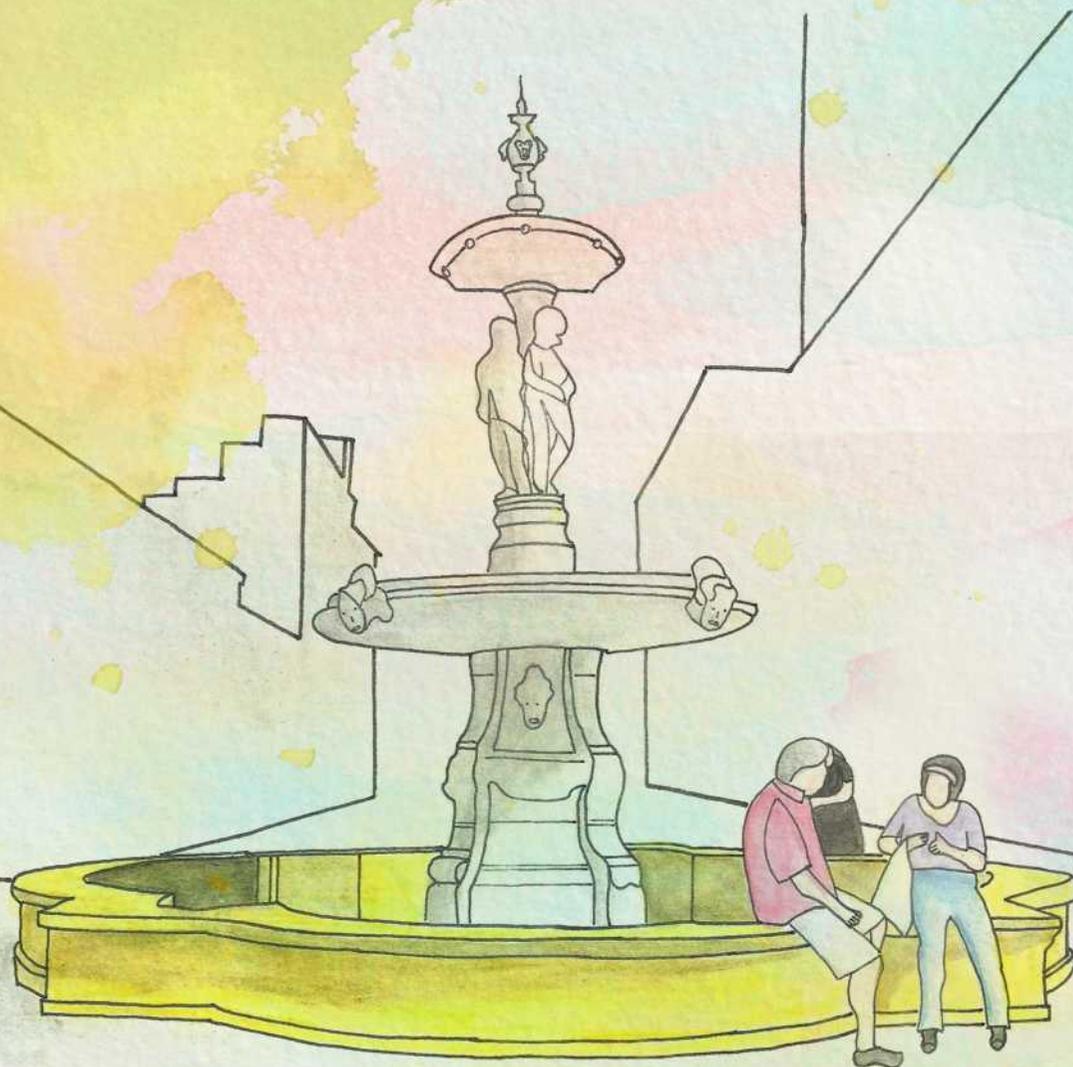
CALÇADÃO DA
ANDRADE NEVES

CALÇADÃO DA
XV DE NOVEMBRO

PRAÇA CORONEL
PEDRO OSÓRIO

Calçadão da Andrade Neves

Desenhos de Marilena Rodrigues dos Santos e Mateus Schaefer Batista
Texto de Marilena Rodrigues dos Santos



A Rua Andrade Neves⁴¹ fazia parte do traçado da primeira planta da antiga freguesia de São Francisco de Paula, nos lotes de Antônio dos Anjos. No ano de 1818 a então "Rua das Flores" já contava com 14 prédios. Assim como outras áreas da cidade, possuía jardins conservados, devido à falta de pavimentação da maior parte de Pelotas. Em 10 de fevereiro de 1869 foi dada a denominação atual à Rua, homenageando o general José Joaquim de Andrade Neves, o Barão do Triunfo⁴².

Em meados da década de 50, a Rua adquiriu destaque pelo comércio e seu intenso movimento, tornando-se o centro comercial da cidade, juntamente com a XV de Novembro, recebendo desde lojas a confeitarias. Porém, contava com uma pavimentação convencional, tendo de ambos os lados passeios com largura aproximada de um metro, junto dos quais os veículos estacionavam em toda a sua dimensão e concorriam com as linhas de ônibus que transitavam por ali, o que a tornava confusa e insegura para a circulação dos pedestres.

Entre as décadas de 1970 e 1980, o então prefeito Irajá Andara Rodrigues⁴³ propôs a construção do “Calçadão”, que marca uma nova etapa para os comerciantes do local, entretanto para alguns não foi inicialmente uma ideia bem-vista. Sendo assim, a obra precisou ser feita gradualmente, tirando o estacionamento de um lado, depois do outro e, por fim, a linha de ônibus, até que então foi fechado um trecho da artéria para total movimentação dos pedestres, resultando em mais conforto e segurança para todos os frequentadores do comércio local. O sucesso foi tanto que os lojistas da rua seguinte realizaram o pedido de que o calçadão fosse estendido, pois as vendas haviam aumentado na quadra remodelada.

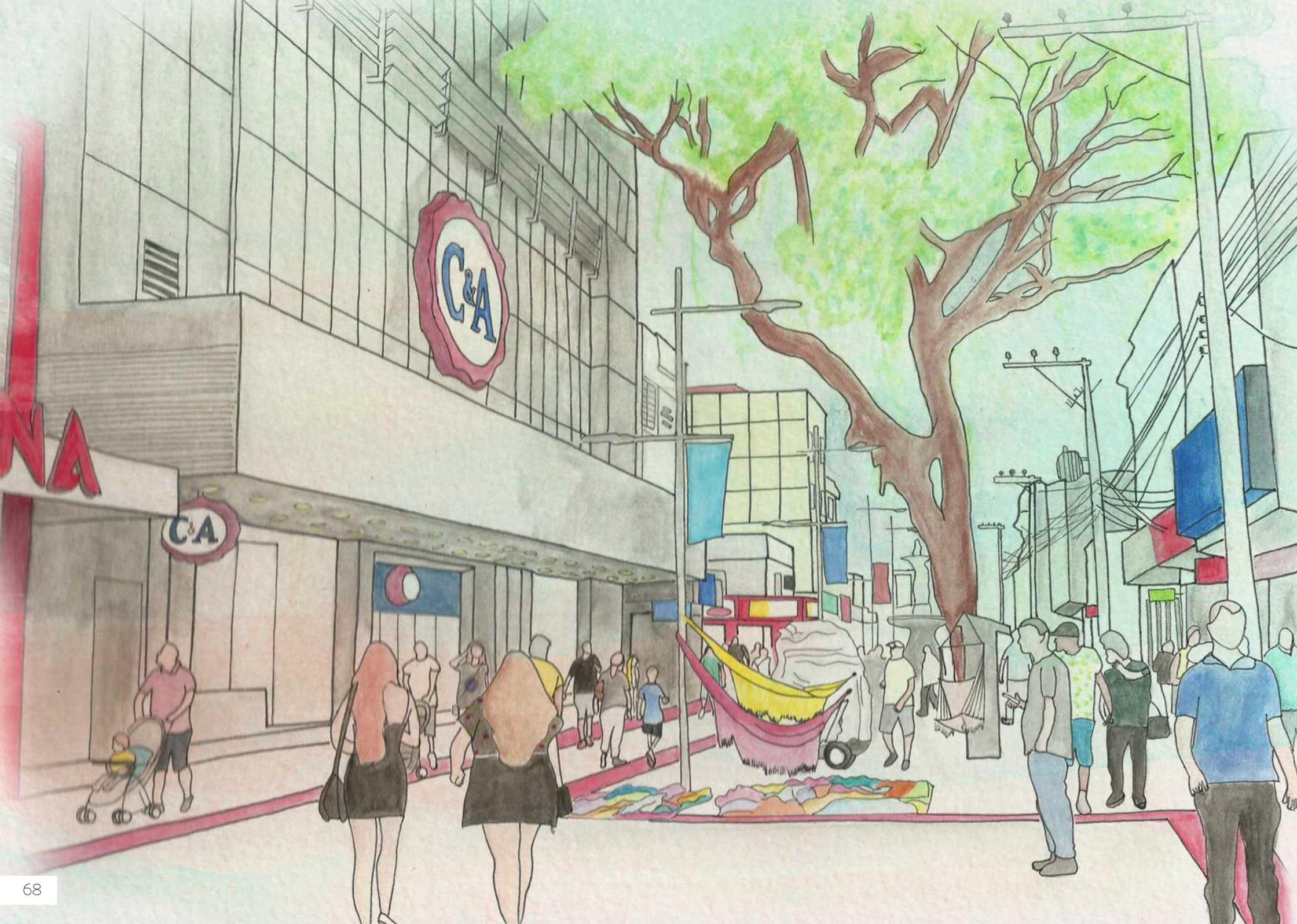
Quando da inauguração da segunda quadra, foi instalado o chafariz das Três Meninas⁴⁴, que até então estava na Praça Domingos Rodrigues, no Porto. Dessa forma, foi transferido para o Calçadão com o objetivo de embelezamento da cidade. O Calçadão foi recentemente requalificado, com substituição ou melhorias nos mobiliários, como os bancos ao redor de árvores, lixeiras, bicicletários e atendimento à acessibilidade.

Com o passar do tempo muita coisa mudou, mas algumas características das décadas anteriores foram preservadas, o que faz do Calçadão um lugar que agrega construções e elementos antigos e atuais, ocasionando contrastes e proporcionando relações. Nas páginas seguintes, os desenhos mostram o mesmo trecho do Calçadão antes da abertura da rua para os pedestres e atualmente.





RUA ANDRADE NEVES
NO TRECHO DO CALÇADÃO,
ANTES DE SUA IMPLEMENTAÇÃO



Calçadão da XV de Novembro

Desenhos de Juliano Marcos Ribeiro e Samanta da Rosa Machado
Texto de Ricardo Brod Méndez



A Rua XV de Novembro faz parte do primeiro traçado da cidade, de 1815. Primeiramente nomeada como Rua dos Canários, em homenagem aos antigos moradores oriundos das Ilhas Canárias, na década de 1850 foi chamada de São Miguel e só em 1895 recebeu o nome atual, em homenagem à república proclamada seis anos antes⁴⁵.

Foi a principal rua da cidade durante o seu apogeu econômico, sendo frequentada pela elite Pelotense. Foi uma das primeiras ruas a receber todo o tipo de novos serviços e tecnologias disponíveis, como luz elétrica, telefone, esgoto e o bonde elétrico que ligava alguns dos pontos importantes da cidade⁴⁶. Recebia, todos os anos, o Carnaval de Pelotas que, inicialmente, era mais voltado para a elite, mas logo se tornou um evento festejado por todos⁸.

Ainda nos dias de hoje, a XV de Novembro possui grande importância histórica e cultural, mantendo a tradição do comércio, lazer e grande circulação de pessoas, o que levou a construção do calçadão entre a Praça Coronel Pedro Osório e a Rua 7 de Setembro na década de 1980, o que mantém o local mais seguro e confortável para os pedestres⁴⁶.

Os sobrados em estilo eclético, localizados no seu entorno, abrigavam os principais comércios da cidade no térreo e tinham uso residencial nos segundos pavimentos⁴⁶. A partir da década de 1940, a arquitetura no entorno da rua começou a mudar drasticamente, quando muitas construções ecléticas foram substituídas por outras em estilo modernista, sobretudo na década de 1970, quando houve um aumento da especulação imobiliária, onde o interesse econômico se sobrepôs ao interesse pela história e cultura da cidade⁴⁷.

Será que a Rua XV de Novembro mudou muito com o passar dos anos? Os desenhos das páginas seguintes mostram como ela era antigamente e como é hoje.



CALÇADÃO DA XV DE NOVENBRO

PRAÇA CORONEL
PEDRO OSÓRIO

RUA XV DE NOVEMBRO
NO TRECHO DO CALÇADÃO,
ANTES DE SUA IMPLEMENTAÇÃO





6 _ Orlas

Desenho de Douglas Marques Bueno

Orla é contorno externo de algo, de qualquer superfície. Bordo, rebordo, beira, cercadura, margem⁴⁸. No contexto deste trabalho, a definição que mais interessa é a de orla como faixa de terra que cerca uma porção de água (rio, lago, mar); beira. Região que se localiza ao redor da praia, ao lado do mar⁴⁹ (rio, lago, lagoa etc.).

Para ilustrar as orlas, convidamos o leitor a vislumbrar através dos desenhos, das belezas naturais, do patrimônio imaterial, e percorrer junto às margens da Laguna dos Patos a Orla dos Balneários Santo Antônio e Valverde e a Orla do Balneário dos Prazeres, que compõem com suas paisagens as praias do Laranjal.

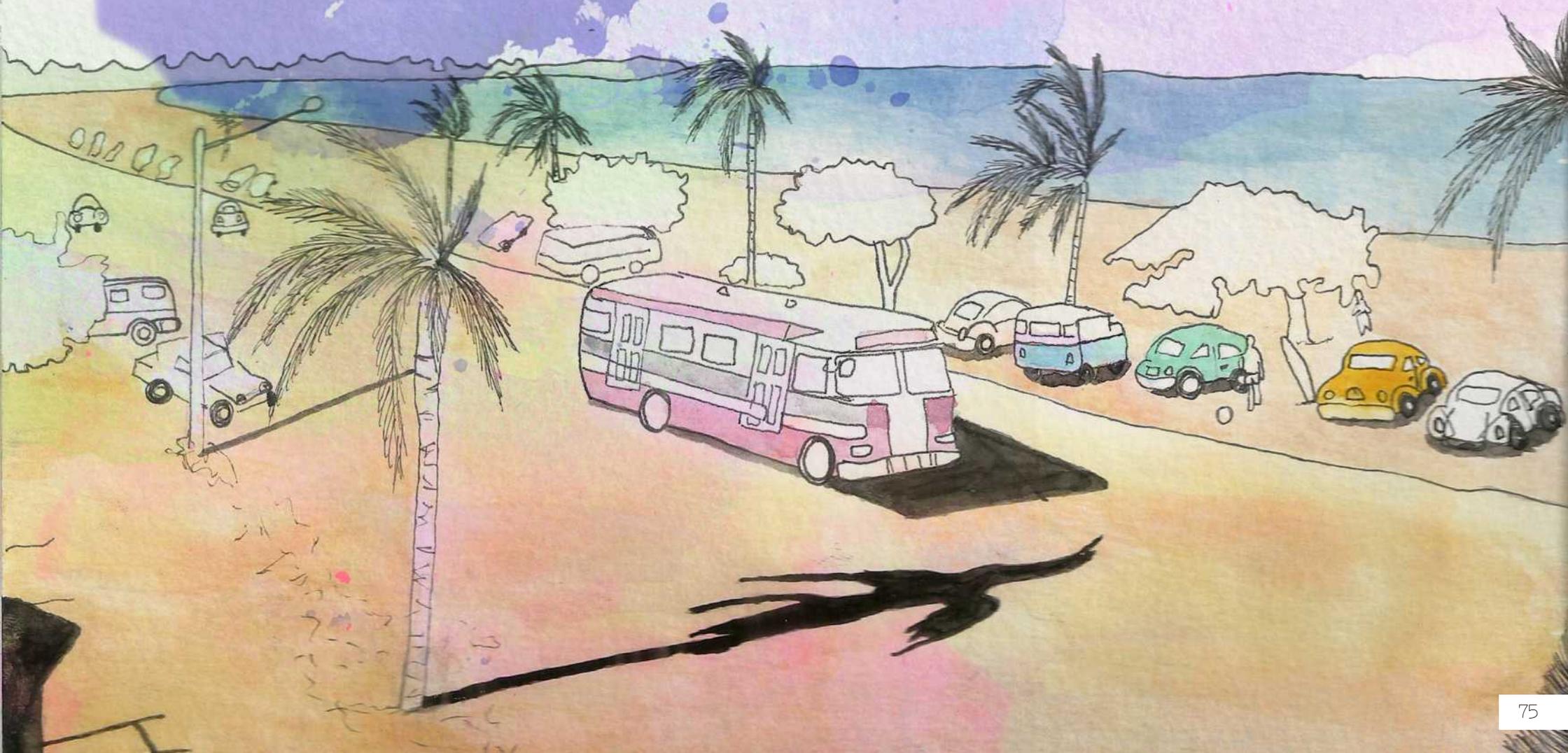


ORLA DO BALNEÁRIO
DOS PRAZERES

ORLA DOS BALNEÁRIOS
SANTO ANTÔNIO E VALVERDE

Orla dos Balneários Santo Antônio e Valverde

*Desenhos de Julia Corvelo de Souza e Vanessa Zambrano
Texto de Julia Corvelo de Souza*





AVENIDA DOUTOR ANTÔNIO AUGUSTO DE ASSUMPÇÃO

LAGUNA DOS PATOS

Localizada a 12 km do centro de Pelotas e banhada pela Laguna dos Patos, a praia do Laranjal teve o seu processo de ocupação iniciado ainda durante o período colonial, quando teve instalada uma unidade de produção rural denominada "Fazenda de Nossa Senhora dos Prazeres das Pelotas", ou simplesmente "Fazenda das Pelotas", e passou a ser chamado *Laranjal* devido à grande quantidade dessas árvores frutíferas, ali existentes.

A partir dos anos 1950, o poder público municipal, aliado aos agentes imobiliários e proprietários

fundiários, iniciou o loteamento dos três balneários da praia do Laranjal: Santo Antônio, Valverde e Prazeres.

O nome do Balneário Valverde foi escolhido pelos donos das terras que foram loteadas para dar origem ao balneário (família Assumpção), porque a partir da sede da sua granja era possível ver um extenso campo que se estendia até a praia, um vale verde. O Balneário Santo Antônio foi inspirado nos balneários de Piriápolis e Punta del Este no Uruguai. Foi "inaugurado" em 1952, quando o bispo Dom Antônio Zattera guiou uma procissão pelos

campos que abrigam o Balneário até o local onde entronizaram a imagem de Santo Antônio, padroeiro do Balneário de mesmo nome⁵⁰.

Os balneários Santo Antônio e Valverde são interligados e o marco que os separa é a Avenida Rio Grande do Sul. Neles, há predomínio de segundas residências (casas de veraneio) e de moradia fixa das populações de classe média alta⁵¹.

As orlas dos balneários são dotadas de infraestrutura urbana e de comércio estruturado e, por isso, recebem público durante o ano todo. Elas contam com uma larga faixa de

areia para lazer, calçadão para caminhadas, trapiche, comércio variado, galeria comercial (Shopping Mar de Dentro), academias esportivas, hotéis e pousadas etc⁵².

Por ser uma praia de água doce e, frequentemente, não ter balneabilidade em função da poluição ambiental, o principal público que frequenta a Praia do Laranjal é regional. Como o núcleo urbano sofre com a carência de áreas verdes para recreação, lazer e práticas culturais, a população costuma deslocar-se para as orlas da praia do Laranjal durante o ano todo⁵⁰.





Orla do Balneário dos Prazeres

Desenhos de Nathan Gularte da Silva
Texto de Nathan Gularte da Silva



BALNEÁRIO
NOS ANOS 60



PRAÇA
ARATIBA

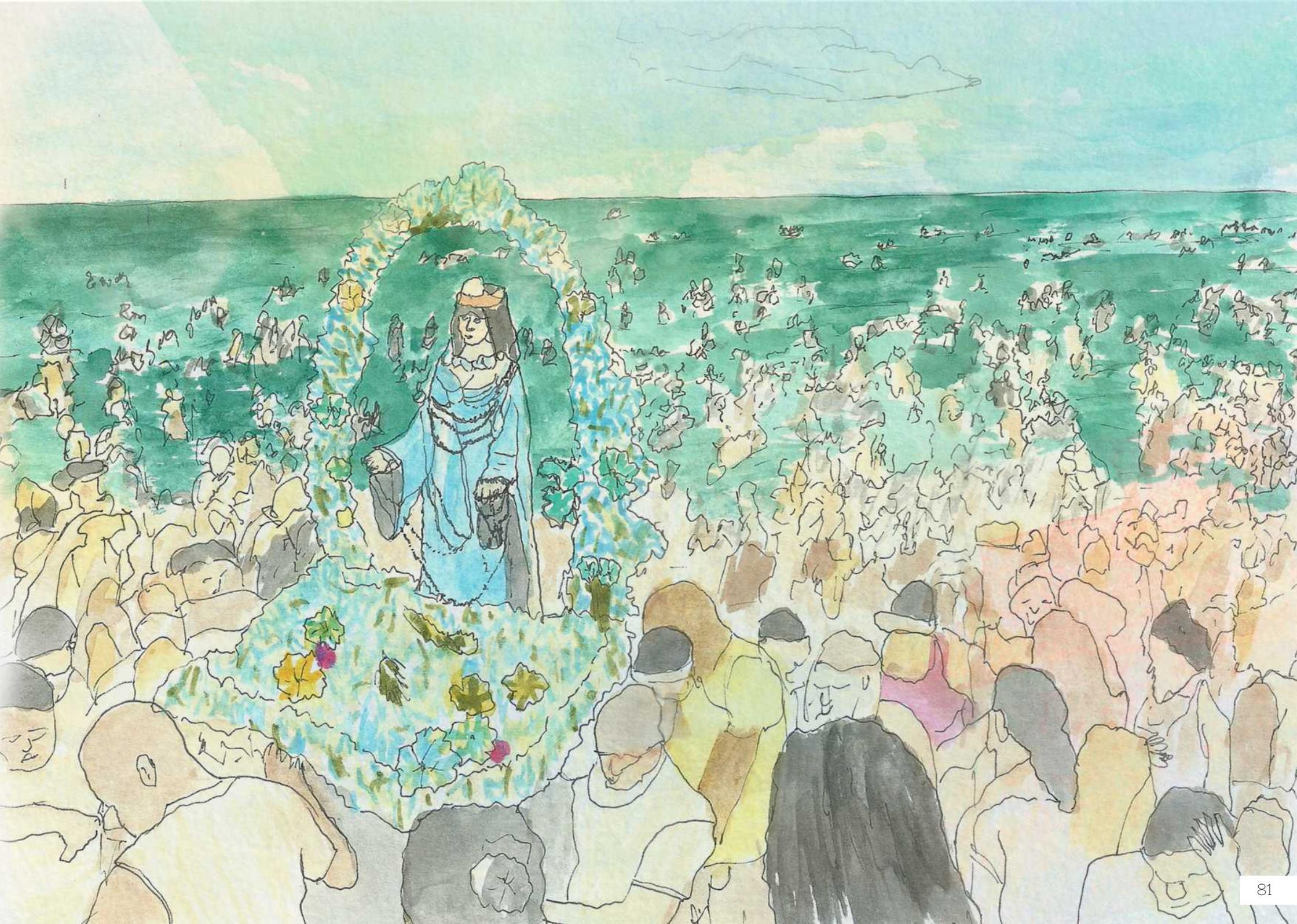
GRUTA DE
IEMANJÁ

AV. MINAS GERAIS

AV. MATO GROSSO

PRAÇA DO
BARRO DURO

LAGUNA
DOS PATOS





O Balneário dos Prazeres está localizado ao norte dos balneários Santo Antônio e Valverde, na localidade chamada Barro Duro. A orla é uma área de preservação permanente e de interesse cultural e ambiental, banhada pela Laguna dos Patos. Possui uma extensão de aproximadamente 1100 metros e uma grande declividade entre a praia e o loteamento. É caracterizada por uma estreita faixa de areia e ampla mata nativa, tem um pequeno trecho com calçada, alguns bancos, lixeiras e a gruta de lemanjá – um marco e uma referência no local.

FIGUEIRA DO
BARRO DURO

As terras que deram origem ao Balneário dos Prazeres pertenciam ao casal Luiz de Assumpção e Amélia Augusta Assumpção de Assumpção. Esse loteamento foi idealizado por Luiz de Assumpção em 1953, mas por motivos de saúde quem deu continuidade ao empreendimento foi seu genro, Dr. José Ottoni Ferreira Xavier⁵¹.

Por possuir a maior área de matas o Balneário dos Prazeres foi considerado por muito tempo um dos mais bonitos entre os balneários e com grande procura por parte dos veranistas. No entanto, recebeu menos investimentos com infraestrutura, tanto por parte dos loteadores quanto pela municipalidade, o que gerou problemas urbanos e ambientais na orla⁵¹.

Embora o processo erosivo da mata nativa e a diminuição da faixa de areia tenham comprometido a usabilidade do Balneário, no verão a praia ainda é bastante visitada, tanto por moradores locais quanto de outras áreas da cidade⁵¹. Anualmente, em fevereiro, a praia recebe inúmeras pessoas, fiéis e devotos na festa de lemanjá e da santa católica Nossa Senhora dos Navegantes⁵³, conforme pode ser visto na página ao lado.

Espaços públicos: passado, presente e futuro

“A utopia está no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte se afasta dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

Fernando Birri, citado por Eduardo Galeano em Las palabras andantes⁵⁴

Os desenhos e histórias apresentados neste livro mostram a diversidade dos espaços públicos de Pelotas e também as múltiplas temporalidades que eles agregam. O tempo presente é contraditoriamente o mais palpável e também o mais fugaz: é o agora e já passou. O passado se manifesta em cada elemento físico que integra o espaço e também através da paisagem cultural – cada ladrilho e cada costume conta uma história. E o futuro? Ainda que o passado e o presente nos forneçam pistas de futuros possíveis, cabe a cada um de nós imaginá-lo e torná-lo realidade. O futuro é uma construção coletiva na qual cada individualidade importa. As páginas seguintes estão intencionalmente em branco para que possam receber esboços, ideias e sonhos utópicos sobre os espaços públicos do futuro. Como você acha que poderiam ser os espaços públicos no futuro?





Referências Bibliográficas

- 1 IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pelotas. 2021. *Agência IBGE, Panorama*, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pelotas/panorama>. Acesso em: 8 ago. 2022.
- 2 PMP – Prefeitura Municipal de Pelotas. *História*, 2021. Disponível em: <https://www.pelotas.com.br/cidade/historia>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- 3 PRAÇA. In: *Oxford Languages*. 2021. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- 4 HANNES, Evy. Espaços abertos / espaços livres: um estudo de tipologias. *Paisagem e Ambiente*, [S. l.], n. 37, p. 121-144, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/100413>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- 5 FRENZEL, Vivian Blödorn; ROSO, Luciana; Galli, Leonardo. Considerações sobre as áreas verdes através do olhar dos frequentadores da Praça Coronel Pedro Osório – Pelotas/RS. *Revista Thema*, v. 17, n. 3, p. 711-725, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15536/thema.V17.2020.711-725.1265>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- 6 FARO, Flávia Silva; GONCALVES, Margarete Regina Freitas. Esculturas em bronze da Praça Coronel Pedro Osório, Pelotas, RS: Um diagnóstico do estado de conservação. *Seminário de História da Arte*, v. 6, p. 1-24, 2017.
- 7 MONQUELAT, Adão Fernando. *As praças de Pelotas e suas histórias (Século XIX)*. Pelotas: Mundial, 2015.
- 8 BOTELHO, Daniel Moraes. *Nos telhados de Pelotas RS: revelando rasgos no espaço urbano através de fotografias e cartões postais*. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- 9 LONER, Beatriz Ana; Gill, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório. *Dicionário de história de Pelotas*. 3. Ed. Pelotas: Editora da UFPel [FAU – Fundação de Apoio Universitário] 2017. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/3735>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- 10 PARADEDA, Maria Regina. *Arquitetura da paisagem e modernidade: um estudo sobre representações e memória das praças de Pelotas (1860-1930)*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- 11 UFPEL – Coordenadoria de Comunicação Social. UFPEL e UCPEL elaboram projeto de praça linear no Porto. *Destaque*, 12 abr. 2019. Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2019/04/12/ufpel-e-ucpel-elaboram-projeto-de-praca-linear-no-porto/>. Acesso em: 31 mar. 2022.
- 12 DIÁRIO DA MANHÃ. Cohab Tablada: praça ganha nome de ex-jogador. *Notícias*, 1 abr. 2019. Disponível em: <https://diariodamanhapelotas.com.br/site/cohab-tablada-praca-ganha-nome-de-ex-jogador/>. Acesso em: 27 jul. 2021.
- 13 JORGE, Liziane de Oliveira; XAVIER, Aline de Moura Ribeiro; MEDVEDOVSKI, Nirce Saffer. Reinterpretação dos limites do espaço habitacional: a identidade arquetípica das fachadas da Cohab Tablada. *PIXO – Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, Pelotas, v. 2, n. 7, p. 76-91, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/14745>. Acesso em: 27 jul. 2021.
- 14 ROSENTHAL, Mariane D’Ávila e SANTOS, Carlos Alberto Ávila. Espaços Verdes do Centro Urbano de Pelotas: As Praças Cypriano Barcellos e Piratinino de Almeida. *Revista do Seminário de História da Arte*, Pelotas, n. 5, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/7827>. Acesso em: 28 jul. 2021.

- 15 ARAÚJO, Thiago. Caixa d'água de Pelotas. *Blog Caminhos dos Museus*. 15 set. 2014. Disponível em: <https://caminhosdosmuseus.wordpress.com/2014/09/15/caixa-dagua-de-pelotas/>. Acesso em: 28 jul. 2021.
- 16 IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Conjunto Histórico de Pelotas é reconhecido como Patrimônio Cultural. *Notícias*, 10 maio 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4641>. Acesso em: 20 out. 2021.
- 17 HANNES, Evy. Espaços abertos / espaços livres: um estudo de tipologias. *Paisagem e Ambiente*, [S. l.], n. 37, p. 121-144, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/100413>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- 18 KLIASS, Rosa Grená. *Parques urbanos de São Paulo*. São Paulo: Pini, 1993.
- 19 IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Monumentos e Espaços Públicos Tombados – Pelotas (RS). *Patrimônio Cultural, Patrimônio Material, Conjuntos Urbanos Tombados*, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1766/>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- 20 SCHWANZ, Jezuina Kohls. *A Chácara da Baronesa e o imaginário social pelotense*. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.
- 21 LEAL, Noris Mara Pacheco Martins. *Museu da Baronesa: acordos e conflitos na construção da narrativa de um museu municipal – 1982 a 2004*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/11148>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- 22 LIMA, Joice. Sopapo – 2º Encontro no Museu da Baronesa começa nesta terça-feira com proposta inovadora. Prefeitura Municipal de Pelotas, 4 nov. 2019. *Sessão Cultura*. Disponível em: <https://www.pelotas.com.br/noticia/sopapo-2o-encontro-no-museu-da-baronesa-comeca-nesta-terca-feira-com-proposta-inovadora>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- 23 SILVA, Gerson Luiz Cardoso da. *A dinâmica das interações sociais e seus limites: uma análise dos desafios da construção do capital social na Praça Dom Antônio Zattera – Pelotas – RS*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.
- 24 BLOG DE PELOTAS. Patrimônios de Pelotas: Parque Dom Antônio Zattera. Disponível em: <https://pelotaturismo.com.br/historias/134>. Acesso em: 2 maio 2023.
- 25 FERNANDES, Lúvia Winkel. *Acessibilidade em praças e parques: o caso do Parque Dom Antônio Zattera em Pelotas – RS*. Dissertação (Mestrado em Percepção Ambiental) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.
- 26 AVENIDA. In: *Oxford Languages*, online, 2021. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- 27 HR Idiomas. Origem das palavras rua e avenida. *Etimologia*, 25 out. 2018. Disponível em: <https://hridiomas.com.br/origem-das-palavras-rua-e-avenida/>. Acesso em: 28 jul. 2022.
- 28 NARANJO, Florencio Zoido et al.: *Diccionario de geografía urbana, urbanismo y ordenación del territorio*. Barcelona: Editorial Ariel, 2000.
- 29 OLIVEIRA, Elisabete Porto de. *Viagem na memória do Fragata: Estudo sobre a história e cultura de um "bairro cidade"*. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Artes. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2007.
- 30 OLHARES SOBRE PELOTAS. O "Bairro Cidade". 21 ago. 2016. Facebook: @Olharessobrepelotas. Disponível em: <https://www.facebook.com/Olharessobrepelotas/posts/1036772236429981/>. Acesso em: 18 jun. 2019.
- 31 PELOTAS. *Lei nº 5502, de 11 de setembro de 2008*. Institui o Plano Diretor Municipal e estabelece diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no município de Pelotas, e dá outras providências. Pelotas, Leis Municipais, 2008. Disponível em: https://www.pelotas.com.br/storage/gestao-da-cidade/lei_5502.pdf. Acesso em: 9 jun. 2022.
- 32 RAMOS, Shana Monte Pereira. *Estrutura urbana histórica: a importância dos primeiros caminhos e sua permanência na estrutura urbana de*

Pelotas, RS. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande, 2013.

33 FERREIRA, Renata. A Avenida Dom Joaquim como um espaço de lazer (Pelotas/RS): reflexões a partir da sociologia de Elias e Dunning. In: *Anais eletrônicos do VI Seminário de Pesquisa e Turismo do Mercosul*, Caxias do Sul, 2010. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/11/A%20Avenida%20Dom%20Joaquim%20como%20um%20espaço%20de%20lazer.pdf. Acesso em: 1 abr. 2022.

34 LARGO. In: *Aulete Digital*. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/largo>. Acesso em: 18 ago. 2022.

35 BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Parecer 01/2018/DEPAM/BSB*. Brasília, 2 abr. 2018. Disponível em: <https://educa.dimensio.pro/downloads/IPHAN/parecer>. Acesso em: 29 mar. 2022.

36 ROMANO, Lenora. *Edifícios de mercados gaúchos: uma arquitetura de sentidos*. Dissertação (Mestrado em arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6575/000443618.pdf?se>. Acesso em: 29 mar. 2022.

37 BLOG DE PELOTAS. Patrimônios de Pelotas: Estação Ferroviária. Pelotas Turismo. Disponível em: <http://www.pelotaturismo.com.br/historias/171>. Acesso em: 8 set. 2021.

38 GIESBRECHT, Ralph Mennucci. Município de Pelotas. *Estações Ferroviárias do Brasil*. 23 out. 2022. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_bage_riogrande/pelotas.htm. Acesso em: 8 set. 2021.

39 MARSOU ENGENHARIA. Estação Férrea de Pelotas. *Portfolio*, 2014. Disponível em: <http://marsou.com.br/portfolio/estacao-ferrea-de-pelotas-2/>. Acesso em: 8 set. 2021.

40 BUENO, Francisco da Silveira. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD, 2016.

41 OLHARES SOBRE PELOTAS. Rua Andrade Neves. 12 jul. 216. Facebook: @Olharessobrepelotas. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/Olharessobrepelotas/photos/-rua-andrade-neves-rua-andrade-neves-figura-desde-1815-na-primeira-planta-da-1008541099253095/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

42 MAGALHÃES, Mario Osorio. *Os passeios da cidade antiga: guia histórico das ruas de Pelotas*. Pelotas: [s. n.], 2000.

43 RODRIGUES, Irajá Andara. *Uma revolução urbana em Pelotas*. Pelotas: [s. n.], 2012.

44 LEON, Zênia de. *Guardiões da Memória – Crônicas das Relíquias Históricas*. Pelotas: Signus Comunicação Ltda., 2008.

45 OLHARES SOBRE PELOTAS. A Rua XV de Novembro. 24 ago. 2018. Facebook: @Olharessobrepelotas. Disponível em: <https://www.facebook.com/Olharessobrepelotas/posts/1811952182245312/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

46 DEVANTIER, Vanessa da Silva. A Rua XV de Novembro: espaço de comércio, cultura e lazer. Pelotas, 1870-1931. In: *SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA E PATRIMÔNIO*, 2011, Pelotas. Disponível em: <http://guaia-ca.ufpel.edu.br:8080/handle/123456789/763>. Acesso em 20 maio 2023.

47 KNACK, Eduardo Roberto Jordão. Historicidade e visualidade urbana na Revista Pelotas Memória: 1989-1991. *Tempos Históricos*, v. 21, n. 2, 2017. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/16842/12186>. Acesso em: 20 maio 2023.

48 OURELA. In: *Dicionário da Língua Portuguesa – Academic Dictionaries and Encyclopedias*. online, 2012. Disponível em: https://words_pt.en-academic.com/73573. Acesso em: 9 set. 2021.

49 ORLA. In: *Dicionário Online de Português*, online, 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/orla/>. Acesso em: 9 set. 2021.

50 NUNES, Mara Regina da Silva; MONSELL, Alice Jean. Contexto e Memória Balneário dos Prazeres-Pelotas/RS In: *Revista do Seminário de His-*

tória da Arte, 17, Pelotas, Centro de Artes, UFPel, n. 7, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/13491>. Acesso em: 28 jul. 2021.

51 RUAS, Keli Siqueira. *A orla lagunar de Pelotas RS: conflitos socioambientais, atores e processos*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Curso de Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

52 PMP – Prefeitura Municipal de Pelotas. *O que Pelotas tem: praia do Laranjal. Desenvolvimento, turismo e inovação*, 28 maio 2019. Disponível em: <http://www.pelotas.com.br/noticia/o-que-pelotas-tem-praia-do-laranjal>. Acesso em: 29 jul. 2021.

53 CAMPOS, Isabel Soares. *Os prazeres do Balneário, sob as bênçãos de Yemanjá: religiões afro-brasileiras e espaço público em Pelotas*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/ri/2841>. Acesso em: 29 jul. 2021.

54 GALEANO, Eduardo; BORGES, José. *Las palabras andantes*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1993.

